

SEMEADORAS DE ESPERANÇA PROFÉTICA

BOLETÍN UISG

NÚMERO 170, 2019

APRESENTAÇÃO	2
A VIDA INTERCULTURAL COMO UM SINAL DE ESPERANÇA PROFÉTICA	4
<i>Ir. Adriana Carla Milmanda, SSpS</i>	
SEMEADORAS DE ESPERANÇA PROFÉTICA: O APELO AO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	15
<i>Prof. Donna Orsuto</i>	
A DIVERSIDADE É NATURAL, MAS A TOLERÂNCIA E O RESPEITO PRECISAM SER NUTRIDOS	26
<i>Dewi Maharani</i>	
EXPERIÊNCIAS DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	29
<i>Elena Dini</i>	
REFLEXÕES SOBRE O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	33
<i>Samantha Lin</i>	
SEMEADORAS DE ESPERANÇA, NO CONTEXTO DA MIGRAÇÃO	37
<i>Ir. Elisabetta Flick, SA</i>	
SEMEADORAS DE ESPERANÇA EM BERBERATI, REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA	41
<i>Ir. Elvira Tutolo, SDC</i>	
SEMENTES DE ESPERANÇA DO SÍNODO DE 2018 SOBRE OS JOVENS	44
<i>Ir. Sally M. Hodgdon, CSJ</i>	
PESSOAL DA UISG	48

O eco da XXI Assembléia Plenária da UISG, realizada em Roma de 6 a 10 de maio de 2019, não se extingue. O tema “Semeadoras de esperança profética”, que as Superiores Gerais participantes abordaram e desenvolveram a partir de diversos pontos de vista, é ainda o tema deste número do Boletim.

Através de reflexões e experiências veremos como podemos ser semeadores de esperança em áreas como a interculturalidade, o diálogo inter-religioso, a acolhida dos migrantes, as missões em terras de conflito, o sínodo para os jovens.

Ir. Adriana Carla Milmanda, SSpS

A vida intercultural como um sinal de esperança profética

A boa notícia do Espírito é que a conjuntura histórica em que nos encontramos hoje nos convida a assumir a multiculturalidade de nossas comunidades, sociedades e serviços pastorais como uma possibilidade de conversão e transformação, ao invés de vê-la como um problema a resolver. Não é e nem será fácil, não nos dará a segurança e a estabilidade que temos perdido ou desejamos. Não possui receitas que garantam o sucesso. Mas se a interculturalidade como Projeto radicalmente inclusivo do Reino que Jesus inaugurou capturar nossa imaginação, terá o poder extraordinário de transformar nossas comunidades em sinal que o mundo dividido, fragmentado e conflituoso de hoje está precisando e exigindo.

Prof. ssa Donna Orsuto

Semeadoras de esperança profética: O apelo ao diálogo inter-religioso

As religiosas têm uma responsabilidade particular de promover um amor que elimina o medo. Alguns estudiosos dizem que a frase “não tenha medo” aparece de uma maneira ou de outra 366 vezes na Bíblia, uma para cada dia do ano, incluindo o ano bissexto! Vemos que uma cultura de encontro e diálogo floresce quando as pessoas não estão paralisadas pelo medo. É preciso uma coragem incrível para se arriscar a ir ao encontro do outro, especialmente depois de experiências de violência extrema, mas quando as pessoas tiveram a coragem de transcender seus medos e arriscar-se a ir ao encontro do outro, os resultados foram transformadores.

Dewi Maharani

A Diversidade é natural, mas a tolerância e o respeito precisam ser nutridos
A diversidade é natural, mas a tolerância e o respeito devem ser nutridos”. Essas palavras pronunciadas por um padre diocesano indonésio me parecem ser muito verdadeiras. A questão que nos desafia hoje é: como você e eu podemos nutrir a tolerância e o respeito pelos outros nas pessoas que estão à nossa volta?

Elena Dini

Experiências de Diálogo Inter-Religioso

Espero que cada vez mais possamos ser positivamente desafiadas por nossos irmãos e irmãs não-cristãos. Espero que estejamos dispostas a descobrir a ação de Deus em sua vida, porque o Espírito sopra para além dos limites da Igreja visível.

Samantha Lin

Reflexões sobre o Diálogo Inter-Religioso

Dialogar não significa apenas falar sobre sua fé numa sala por um determinado período de tempo - diálogo significa estar disposto a compartilhar sua vida, todas as partes dela, com alguém de uma tradição de fé diferente da sua e estar aberta a *aprender* com ela.

Sr. Elisabetta Flick, SA

Semeadoras de esperança, no contexto da migração

Para, pacientemente e incansavelmente, consertar o fio da esperança no tecido do atual contexto migratório, e para ser mulheres que semeiam esperança, somos convidadas, como Maria Madalena, como os primeiros discípulos, como Abraão e os profetas, a cultivar uma fé que pode esperar contra toda a esperança.

Suor Elvira Tutolo, SDC

Semeadoras de Esperança em Berberati, República Centro-Africana

Eu estou aqui, eu trago o clamor de um povo e de uma Igreja martirizada. É a situação do homem atacado por bandidos e deixado quase morto na estrada que desce de Jerusalém a Jericó... de Bangui a Bossangoa, de Bambari a Alindao, de Berberati a Gamboula. Eu venho da República Centro-Africana que desde o início de 2013 aguarda o “bom samaritano”.

Sr. Sally M. Hodgdon, CSJ

Sementes de Esperança do Sínodo de 2018 sobre os Jovens

A minha experiência do Sínodo dos Jovens foi verdadeiramente uma graça quando senti o Espírito de Deus mover-se entre todos nós, jovens, Irmãs, sacerdotes, bispos, cardeais, pela abrindo os nossos corações para novas perspectivas e novas esperanças. Eu gostaria de compartilhar com vocês Quatro Sementes de Esperança que vi emergir deste Sínodo.

A VIDA INTERCULTURAL COMO UM SINAL DE ESPERANÇA PROFÉTICA

Ir. Adriana Carla Milmanda, SSps

Irmã Adriana Carla Milmanda é membro da Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo e atual Superiora Provincial de sua Província de origem: Sul da Argentina. É bacharel e professora de Teologia pela Pontifícia Universidade Católica, na Argentina e obteve um mestrado em Estudos Interculturais e Bíblicos na CTU (Associação Católica de Teologia) Chicago, EUA. Ela acompanhou e trabalhou principalmente em projetos destinados à promoção e capacitação de jovens e mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica na Argentina e nas Ilhas Fiji, no Pacífico Sul. Desde 2013, ela faz parte de um comitê internacional que, em conjunto com a Sociedade do Verbo Divino, desenvolve programas voltados para a conscientização e formação para a Vida e a Missão Intercultural, tanto para os membros de suas Congregações quanto para o serviço de outras que o solicitam.

Original em Espanhol

Queridas Irmãs Superiores Gerais.

É uma honra para mim estar hoje falando a vocês, representantes de tantas Congregações e de tantas Irmãs espalhadas no mundo inteiro. Sem dúvida, é uma situação que nunca imaginei e uma experiência que agradeço pela confiança que a UISG depositou em mim ao convidar-me. Sou agradecida às organizadoras por conceder-me esta honra e dou graças a Deus por tornar realidade meu sonho de adolescente de “chegar até os confins do mundo”. Deus realiza, cedo ou tarde, nossos sonhos mais profundos... embora a sua própria maneira e em seu tempo!... Em vez de eu ir a todos os recantos da terra, Ele me traz, esses lugares para mim, através de vocês e de tantos outros encontros que tenho vivido a partir deste tema da vida e missão intercultural que estou aprofundando, de maneira especial, desde alguns anos.

Como Missionária Serva do Espírito Santo pertencço a uma congregação em que a vida e a missão multicultural e internacional são partes essenciais de nossa história fundacional e de nosso carisma. Sem dúvida, meu interesse mais pontual neste tema nasceu de minha própria experiência de alegria, frustração, dor e aprendizagem quando fui enviada a abrir uma nova presença missionária nas Ilhas Fiji (no Pacífico). Pertencíamos a nossa província religiosa da Austrália e tive que viver – no espaço de 5 anos – com Irmãs de comunidades provenientes de Papua Nova Guiné, Alemanha, Indonésia, Índia, Benin e eu, da Argentina. Passamos a

maior parte do tempo em duas (2) e somente uma permaneceu por um período de 2 anos. Ao mesmo tempo, estávamos fazendo caminho num país que, por sua vez, é composto por gente autóctone do lugar e de um grupo, numericamente quase igual, de pessoas originárias da Índia. Motivada por esta experiência, repleta de alegria, descobertas, dor, mal-entendidos, frustrações e muita aprendizagem, decidi estudar o tema das culturas e a missão, a nível académico, para processar e aprender do que tenho vivido, o que me sustenta na experiência presente e me anima para o futuro.

O contato e o intercâmbio entre culturas dos recantos mais diversos do mundo, estão aumentando e nos estão sendo exigidos de maneira cada vez mais rápida. São praticamente muito poucos os grupos que permanecem isolados do contato com os demais, porque são, hoje, favorecidos pelos meios de comunicação e transporte de nossa era globalizada. O fenômeno das migrações e dos deslocados compulsivos em massa ou forçados pela violência, a mudança climática, a perseguição política ou religiosa, a pobreza, a xenofobia ou a falta de oportunidades, faz com que sejam milhões de pessoas que, diariamente, se mudem de um lado a outro do mundo.

A multiculturalidade e a interculturalidade se tornaram, nos últimos 20 anos, um tema transversal que é debatido em campos tão variados como a educação, a saúde, a filosofia e o mundo empresarial, entre outros. A nível teológico, nos temos preocupado, durante muitos anos, da “inculturação” da fé, do evangelho, da liturgia, dos missionários, etc. A inculturação responde à pergunta de como fazer com que a fé, partilhada pelo missionário e a missionária que vêm de “fora” ou “ad gentes”, se encarne na cultura local de tal maneira que a fé transmitida possa tornar-se parte e expressar-se através da simbologia, dos valores e do imaginário da cultura local. Esta pergunta respondia a um contexto eclesial onde a missão era, especialmente, unidirecional: desde os países “evangelizados” aos “não-evangelizados”, os pagãos (como se costumava chamar). Hoje, a realidade é muito mais complexa e multidirecional, de maneira que, desde a missiologia, já se tem começado a falar da missão “inter-gentes” da Igreja (em vez de “ad-gentes”) e a inter-culturação, que sem acabar com o desafio vigente da inculturação, incorpora os desafios e oportunidades do novo contexto atual multidirecional do mundo e da Igreja de hoje.

Desde a vida consagrada, chamada a estar nas fronteiras da Igreja, esta realidade também nos atinge, nos desinstala, nos impacta... desde o interior de nossas comunidades e até o exterior, na missão e nos apostolados. Sem dúvida, estou convencida de que temos um “tesouro” de experiência vivida da qual nem sequer estamos conscientes. Muitas de nossas congregações estiveram na vanguarda da vida multicultural quase um século antes que o mundo começasse a falar disso. Para outras, a experiência é mais recente. Sem dúvida, é este cabedal de experiência e conhecimento que hoje somos chamadas a partilhar umas com as outras e a colocar a serviço da humanidade e da Igreja. Por outro lado, a fim de capitalizar este cabedal de experiência, somos desafiadas a abrir-nos às ferramentas que outros campos mais específicos vão desenvolvendo desde o pensar filosófico, às ciências da comunicação, à educação, à sociologia, etc.

Esta combinação de experiência de vida, reflexão teológica e um pouco de possíveis ferramentas é o que tentarei apresentar, hoje, neste breve espaço que vamos compartilhar. Pode a vida intercultural converter-se numa das sementes com germe de esperança profética que queremos semear no mundo de hoje como mulheres consagradas? Estou convencida da resposta positiva a esta pergunta e da urgência com a qual ela deve ser assumida em cada uma das nossas congregações e na Igreja em seu conjunto, também.

Sem dúvida, o ponto mais crucial que preocupa a maioria das congregações é como vivê-lo e como fazê-lo. Portanto, tratarei de abordar a apresentação deste tema em quatro passos:

1. Esclarecimento dos conceitos de interculturalidade e outros a ele relacionados.
2. Como viver em clave intercultural?
3. A debilidade e o poder de converter-se em sinal.
4. A urgência de uma opção intencional a partir da profecia e para a esperança.

1. O conceito de interculturalidade e conceitos relacionados

Não podemos abordar o conceito de interculturalidade sem esclarecer outros termos que se relacionam e/ou descrevem o que a interculturalidade significa e propõe:

Multiculturalidade: Quando falamos de um grupo ou evento ou vida multicultural, estamos ressaltando o fato de que seus participantes ou membros provêm de diferentes culturas; por exemplo, uma paróquia, uma empresa, uma cidade, e inclusive um país, podem ser multiculturais. Se ressaltamos o fato de que as pessoas provêm, também, de nacionalidades distintas: diremos que o grupo tal é multicultural e internacional. Então, este fato, em si mesmo, não implica em nenhuma relação ou interação entre seus membros. Posso viver toda a vida numa cidade habitada por vizinhos de origens culturais distintas sem que isso me leve a querer aprender seu idioma, gostar de suas comidas, compreender seus valores, etc. Se o representarmos com um gráfico, poderíamos visualizá-lo assim¹:

A	B
C	D

Experiência trans-cultural: Digamos agora que uma pessoa da cultura “A” decide mudar-se ao bairro da cultura “B”. A pessoa estaria fazendo uma experiência transcultural. Note-se que falamos de um “mudar-se” por determinada quantidade de tempo e não de uma simples visita turística. O mudar-se implica, neste exemplo, um grau de compromisso e de risco que não são assumidos quando estamos de passagem e nos consideramos turistas, visitantes, exploradores ou, no pior dos casos, conquistadores ou colonizadores...

Se o representássemos com um gráfico, poderíamos visualizá-lo assim:

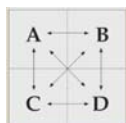


Esta experiência de aprendizagem e de adaptação a outra cultura, diferente daquela na qual fomos socializadas, chama-se aculturação. A aculturação é, em si mesma, uma experiência desafiadora e enriquecedora uma vez que vamos superando as etapas que, normalmente, vão se apresentando, em maior ou menor grau, segundo a magnitude da diferença cultural e a personalidade e/ou preparação da pessoa. Em geral, essas etapas passam de um primeiro enamoramento idílico do “diferente”, a um desprezo profundo dessa mesma “diferença”, até o encontro de um equilíbrio que sabe apreciar as qualidades, bem como também discernir as sombras da outra cultura e da própria.

Caso não encontre esse equilíbrio, a pessoa sofre o risco de sentir-se cansada num sonho que não responde à realidade (Irmãs que “maternalizam” a cultura assumida e, então, atuam e falam “delas” como pobrezinhas/pobrezinhos...” ou são incapazes de desenvolver relações com as pessoas do lugar: todos os seus amigos ou pessoas de referência seguem sendo, apesar do tempo, de seu lugar de origem e seguem, excessivamente, em comunicação com elas e/ou com as notícias de seu lugar). Ou, pelo contrário, sofrem um choque cultural que as faz cair na depressão, apatia, hipocondria, excessiva preocupação por sua saúde e/ou limpeza, excesso nas horas de sono ou na comida, etc. Estes são “sintomas” de um choque cultural aos quais devemos prestar muita atenção quando perduram no tempo logo após uma mudança transcultural.

Menciono estes processos que acontecem na transculturação já que, muitas vezes, coincidem com a formação da comunidade multicultural. Assim que é muito importante levar em conta que, em numerosas oportunidades, a pessoa não só está se adaptando à cultura do lugar aonde chegou e, talvez, esteja também aprendendo um novo idioma – o qual, por si, já é algo altamente exigente – senão que, também, e simultaneamente, está interagindo com múltiplas culturas dentro e, quiçá, também fora de sua comunidade. Às vezes, ao formar comunidades multiculturais não tomamos em consideração ou não acompanhamos suficientemente os processos pessoais da transculturação e inculturação que cada uma das Irmãs vai, por sua vez, passando a nível pessoal, juntamente, com os desafios comunitários e pastorais. Por si mesmo, só se pode iniciar processos verdadeiramente interculturais com pessoas que já tiveram, no mínimo de 3 anos, da experiência de transculturação.

Interculturalidade: Olhemos agora o gráfico das culturas A, B, C e D para ilustrar a diferença entre multiculturalidade e interculturalidade.



Enquanto no primeiro gráfico se ressaltava o fato da coexistência de diferentes culturas nos compartimentos claramente delimitados, neste segundo gráfico, vemos flechas que saem de cada grupo ou pessoa em direção a cada um dos outros grupos ou pessoas ressaltando a interrelação que existe entre elas. Ao mesmo tempo, as flechas não marcam uma única direção senão um caminho de ida e volta. Uma saída para a outra pessoa é uma acolhida da outra pessoa. Assim mesmo, as linhas divisórias não são contínuas, mas pontilhadas, fazendo que os limites entre umas e outras culturas já não sejam tão marcantes e claros.

Sem dúvida, este gráfico também não ilustra a comunidade intercultural. As boas relações, a comunicação e uma boa convivência – se bem que são muito importantes e necessárias, - não são suficientes. A comunidade intercultural é chamada a dar um passo a mais além da tolerância e das diferenças e viver um proceso de transformação, ou conversão, que a desafia a criar, como fruto desta interrelação, uma nova cultura.



Neste terceiro gráfico, chamaremos “E” a esta nova cultura que é fruto da vida intercultural. A cultura “E” estará conformada por uma nova e única combinação de alguns elementos de cada uma das culturas participantes, fazendo que cada uma das pessoas se sinta, ao mesmo tempo, “em casa”, porém diante de algo “novo”.

Esta combinação surgirá como resultado sempre dinâmico do processo de interação e de acordos feitos entre as partes. Neste processo, a comunidade se enriquece mutuamente com os valores e luzes que cada cultura possui, porém também se desafia e se confronta reciprocamente nas sombras e pontos cegos que cada cultura também tem (ex.: a vitimização, complexos de superioridade ou inferioridade, mentalidade imperialista, racismo, preconceitos históricos, etc.). Este modelo de interação comunitária entre culturas, num plano de simetria e igualdade, está diametralmente oposto ao modelo assimilacionista que prevaleceu (e sobrevive ainda?!!!) em grupos em que as culturas minoritárias ou, presumivelmente, sub-desenvolvidas, não civilizadas, ou “pagãs” tinham que se adaptar, conformar-se e assumir a cultura superior ou maioritária deixando a própria de lado. Este modelo assimilacionista é aquele que regeu a maioria de nossas congregações no “recrutamento” de vocações nos assim chamados “países de missão”. O modelo assimilacionista está enquadrado num enfoque que supõe a integração como uma afirmação hegemônica da cultura do país de acolhida. Segundo este modelo, espera-se que a pessoa imigrante ou a formanda, em nosso caso, se comporte e assuma a cultura da sociedade ou da comunidade que a recebe, prescindindo ou anulando sua cultura de origem.

Ao contrário, em vez da “assimilação” que nega e quer apagar as diferenças, o modelo que apresenta a iinterculturalidade busca conhecer, valorizar, aprofundar

e integrar essas diferenças. Como resultado da interrelação e encontro entre culturas, somos convidadas a criar uma nova cultura “E”, na qual cada uma possamos dar o melhor de nós mesmas, partilhar nossos dons, e deixar-nos desafiar pelo encontro e a relação com o “diferente” para que nossas sombras se convertam à luz do Evangelho. Humanamente falando, a interculturalidade é um movimento contra-cultural no qual poucas pessoas se sentiriam bem ou para o qual estariam capacitadas. Nossas culturas nos “programam” para que tendamos a relacionar-nos com “os outros” para defender-nos dos “outros”, “os diferentes” e suas potenciais ameaças. A partir da fé e do poder da graça, sem dúvida, a inclusão em igualdade é o Projeto do Reino que Jesus pregou e, como tal, é obra do Espírito Santo.

Culturas: Os termos recém apresentados, nos levam, por sua vez, a aprofundar, brevemente, nossa compreensão do termo “cultura”. O conceito como tal, de origem antropológica, não tem uma única definição, pois foi mudando com o tempo e pode ser analisado de muitas perspectivas diferentes. Sem dúvida, para nossos fins, vamos tomar a definição que apresenta a “cultura” como

A maneira de viver de um grupo de pessoas – comportamentos, crenças, valores e símbolos – que elas aceitam, geralmente, sem pensar e que são transmitidos através da comunicação e a imitação de uma geração à seguinte.

A cultura, como tal, não existe; mas quem existe são as pessoas que encarnam determinada cultura ou usam determinadas “lentes culturais” que trazem sentido a suas vidas, e lhes permitem comunicar-se e organizar-se. Minha cultura é a melhor forma que “minha” gente encontrou para sobreviver e desenvolver-se no contexto e lugar que nos coube. Por isso, nenhuma cultura pode abdicar-se o direito de converter-se em “norma” universal de outras culturas. Nosso desafio, na Igreja, é que, durante séculos, temos confundido nossa fé com a cultura que mediou sua transmissão (tanto as culturas que mediaram a escritura de nossos Textos Sagrados como a cultura ocidental que logo expandiu a implantação da Igreja).

Vejamos algumas características da cultura: a cultura se aprende e se transmite através da socialização nos grupos primários e secundários em que crescemos (a família, o clã, o bairro, a escola, a cidade ou o campo, a classe social, a religião, a profissão, e os distintos grupos de identificação e pertença em que fomos nos formando). A cultura é estável e dinâmica, vai mudando com muita lentidão, porém ela é tão parte de nós mesmas que não a conhecemos até que não “saímos” dela.

Somente no contato com a “outra”, com a “diferente”, começamos a conhecer nossa própria cultura e as demais... é um conhecimento que se dá por comparação com os “outros”, aqueles e aquelas de “fora” do nosso grupo. Esta divisão entre “nós” (as mulheres, as católicas, as religiosas, as profissionais, as latinoamericanas, as argentinas, as do sul, as do norte, etc.) e “eles/as” (os/as que não são como “nós”) nos protege e nos dá sentido de identidade e pertença, porém também nos isola, nos confronta e nos enche de medo frente ao “desconhecido”. Não existem

culturas superiores ou mais desenvolvidas e culturas menos desenvolvidas ou inferiores; apenas culturas diferentes. E cada cultura acredita que é a melhor já que é a melhor forma que permitiu a seu grupo de adaptar-se ao contexto no qual se desenvolveu.

Conhecer a cultura é muito difícil. Para ilustrar esta dificuldade, pode-se compará-la com um pedaço de gelo de cuja superfície só podemos ver 10%, enquanto que os 90% estão debaixo da água. Do mesmo modo, os elementos materiais de cada cultura (como roupas e comidas típicas, artefatos tradicionais, danças, etc) constituem apenas o 10% que podemos ver, sentir, escutar, ouvir e enumerar com facilidade. Nos 90% restantes, que correspondem aos elementos imateriais, podemos distinguir, por sua vez, 3 níveis: um primeiro nível parcialmente visível ao qual podemos chegar quando o buscamos intencionalmente (o que está por detrás da linguagem, os estilos de comunicação, de liderança, de resolução de conflitos, etc.), um segundo nível (aquele dos valores centrais) aos quais podemos chegar com muita dificuldade e introspecção e, um terceiro nível (aquele das presunções básicas) que é tão profundo e inconsciente que não podemos chegar a conhecê-lo realmente: é o que tomamos como “o normal”, “o dado”.

A partir desse breve quadro terminológico, procuro deixar claro para nós que viver interculturalmente é uma vocação e uma opção contra-cultural e que, como tal, apela à fé e à vida da graça. Humanamente, todas nós tendemos a procurar e interagir com aquelas com quem nos sentimos identificadas e, portanto, compreendidas, incluídas, aceitas. O “diferente”, ao contrário, tende a nos assustar, nos desafia, gera em nós desconfiança. Essa desconfiança, especialmente por culturas que sofreram a experiência de colonização ou de invasão de suas nações, não é injustificada ou menor; pelo contrário, é uma ferida coletiva que perdura por gerações e que deve ser curada pessoalmente para enfrentar um projeto de vida e missão intercultural. A vida intercultural não é dada automaticamente pela mera coexistência de pessoas de diferentes culturas, pelo contrário, deve ser intencionalmente construída e assumida como um processo de conversão pessoal e comunitária. Diferentemente das empresas transnacionais, que buscam fazer da interculturalidade uma ferramenta que melhore suas vendas, somos convidadas a torná-la um modo de vida que nos torne mais fiéis no seguimento de Jesus e na construção do Reino.

2. Como vive rem clave Intercultural?

Como pudemos ver, a cultura é algo que vai além de toda as áreas, aspectos e facetas da nossa vida. É o próprio meio pelo qual organizamos nossa percepção da realidade, construímos um sentido coletivo do mundo que nos cerca (material e imaterial) e nos comunicamos. Por tudo isso, a cultura é comparada às lentes pelas quais olhamos. Ao mesmo tempo, também é comparada a um bloco de gelo, porque a cultura atravessa tão intimamente a nossa vida que se torna impossível conhecê-la objetivamente e até mesmo acessar os tons mais profundos que dão a cor das nossas lentes. Nossos valores, códigos morais, preferências, nosso senso de respeito, senso de autoridade, sentido de organização, nosso manejo e gestão

gestão do tempo, etc ... tudo é atravessado pela cultura e pelas culturas dos grupos de pertencimento com os quais nos socializamos. Para mim, foi algo tão fascinante que só pude ver quando encontrei-me numa cultura muito diferente da minha como foi a de Fiji.

O que fazer então para nos abirmos a essa realidade do multiculturalismo e começar a viver na chave da interculturalidade? Como superar o medo ou a perigosa mera tolerância do “diferente” para começar a sair para conhecer o outro e a outra? A interculturalidade, mais do que um tópico, é um processo; é um novo paradigma que quer responder à realidade que nos rodeia e se impõe a nós; é uma chave a partir da qual podemos reler nossa vida e missão como consagradas no mundo de hoje.

Em vista do tempo que temos disponível, eu gostaria de destacar pelo menos três elementos que, da minha experiência, são essenciais para responder ao como começar a dar origem a este novo paradigma em nossas comunidades:

1. *Preparação*: por ser uma opção contracultural, a vida intercultural requer dedicar tempo e esforço à preparação das Irmãs. Esta preparação inclui:

- Um conhecimento básico dos traços e características marcantes das culturas que interagem (nacionalidade, etnia, geração, educação, origem socioeconômica, etc). Em vez de nos focarmos apenas no que nos une (o que é muito bom e é faz muito bem estimulá-lo), a interculturalidade nos desafia a explorar, valorizar e capitalizar, também, o que nos diferencia.
- A criação de um “espaço seguro” de confiança e cuidado mútuo, para expressar-se de maneira livre, sem medo de ser julgada e / ou rotulada.
- O uso de várias estratégias que ajudam a manter a motivação que leva a atender e a acolher a “diferença” superando as dificuldades que ocorrerão na comunicação.

2. *Intencionalidade*: a motivação anterior é um elemento que deve nos levar a sustentar o empenho intencional de construir a partir das diferenças ao longo do tempo. Intencionalidade requer crescimento na sensibilidade intercultural procurando:

- ferramentas que favorecem
 - a comunicação (verbal e não-verbal) e
 - a resolução de conflitos tanto expressos como latentes.
- ou trabalho pessoal e comunitário que fortalece e desenvolve
 - a capacidade de resiliência e
 - o detectar a tempo a atitude conformista perigosa que se contenta com uma simples “tolerância” da diferença.

3. *Espiritualidade*: a vida intercultural, como proposta que emerge da nossa fé “católica” (que significa “universal”), é um processo pessoal e comunitário de conversão que perdura ao longo da vida. O etnocentrismo (tomando nossa cultura como o centro do mundo e norma para medir outras culturas), os estereótipos culturais e seus consequentes preconceitos estão presentes no mundo, na Igreja e em cada uma de nós. Reconhecê-los e nos abrir pessoalmente e coletivamente

para desconstruí-los é o iniciar de um caminho de transformação ou conversão. Como caminho espiritual, a vida e a missão interculturais, mais do que um objetivo, trata-se de uma busca e um processo. Não tem receitas, nem soluções rápidas para os conflitos que isso acarreta. Pelo contrário, a interculturalidade nos desafia a coexistir com os paradoxos e as sombras dos espaços limiares que nos abrem para a transformação e o crescimento. Por isso mesmo, a vida intercultural tem a fragilidade e o poder do “sinal”.

3. A fragilidade e o poder de se converter em sinal

Os sinais nos dão pistas, nos indicam e apontam para algo que vai além de si. São concretos, são temporários, devem ser corretamente interpretados e decodificados e, por tudo isso, os sinais são frágeis e limitados... mas possuem também um extraordinário poder simbólico que pode capturar nossa imaginação e nos conectar com o transcendente, com os valores que não se veem, o significado da vida, a utopia, a esperança e a fé.

Nesse sentido, a contribuição que a vida consagrada pode dar à reflexão e à prática da interculturalidade, no mundo atual, é única e urgente. Porque a interculturalidade, desprovida do seu potencial simbólico e do seu horizonte de um Projeto que a transcende (o Projeto do Reino), corre o risco de se tornar um novo colonialismo. Uma nova forma de manipulação nas mãos dos mais poderosos de hoje. Um instrumento ao serviço da lógica de um sistema econômico e político que é inerentemente excludente e que se impõe sem considerar custos ou consequências sobre as culturas mais vulneráveis, oprimidas e humilhadas, sobre as pessoas estão “gritando” para sobreviver.

Pelo contrário, a interculturalidade, como caminho espiritual, pode fornecer a nós e ao mundo uma alternativa totalmente diferente. A vida religiosa, hoje, imersa como num mundo cada vez mais globalizado, é chamada a responder aos sinais dos tempos, transformando-se ela mesma num sinal contracultural e intercultural do Projeto do Reino de Deus radicalmente inclusivo e igualitário:

“... porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. ²⁷Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. ²⁸Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (Gal. 3,26-28)

Esta foi a experiência fundadora e revolucionária das primeiras comunidades e dos primeiros discípulos de Jesus! A inclusão radical e igualitária do anúncio e práxis de Jesus foi a identidade característica das primeiras comunidades que, gradualmente, as separaram do judaísmo. No entanto, esse caminho foi e é um caminho de progresso e retrocesso feito por momentos-chave de conversão pessoal e comunitária. Lembremo-nos, como um dos exemplos paradigmáticos, por exemplo, da “conversão” de Pedro no texto conhecido como a “Conversão de Cornélio” (At 10,1-48). Nesta história extraordinária precedida pela visão do lençol, onde Peter é “desafiado” por Deus para comer animais cultural e religiosamente

impuros para ele. Ele acaba quebrando uma série de tabus (receber e hospedar pagãos, comer e confraternizar-se com eles, entrar em suas casas e batizá-los sem ter sido circuncidado anteriormente) para afirmar, no auge de sua total surpresa e estupor, que verdadeiramente somente ali entendeu que Deus não faz distinção de pessoas:

³⁴ Então Pedro Pedro começou a falar. Ele disse: - Agora eu sei que, de fato, Deus trata a todos de modo igual ³⁵pois ele aceita todos os que o temem e fazem o que é direito, seja qual for a sua raça. (Atos 10,34-35)

Em Jesus mesmo podemos rastrear a sua própria “conversão” do etnocentrismo, que humanamente compartilhou conosco, em seu encontro com a mulher canaãea ou sírio-fenícia, onde Jesus se deixa desafiar e interpelar por ela até ceitar de abandonar uma primeira posição claramente excludente. Nesta história vemos como Jesus aprende com ela que a Boa Nova de Deus e do Reino que tinha vindo para inaugurar não estava circunscrito apenas para o povo de Israel (cf. Mt 15,21-28; Mc 7,24- 30).

A boa notícia do Espírito é que a conjuntura histórica em que nos encontramos hoje nos convida a assumir a multiculturalidade de nossas comunidades, sociedades e serviços pastorais como uma possibilidade de conversão e transformação, ao invés de vê-la como um problema a resolver. Não é e nem será fácil, não nos dará a segurança e a estabilidade que temos perdido ou desejamos. Não possui receitas que garantam o sucesso. Mas se a interculturalidade como Projeto radicalmente inclusivo do Reino que Jesus inaugurou capturar nossa imaginação, terá o poder extraordinário de transformar nossas comunidades em sinal que o mundo dividido, fragmentado e conflituoso de hoje está precisando e exigindo.

Imaginemos nossos carismas refundados a partir do encontro com os valores de outras culturas. Vislumbraremos a riqueza multifacetada que eles adquiririam. No entanto, esta Páscoa não virá sem uma cruz. Dar o verdadeiro lugar ao intercultural implica o “deixar ir” daquilo para o qual talvez tenhamos dado, como instituição, nossa vida e nossa paixão por muitos anos, a fim de dar lugar ao novo que está emergindo. A cultura “E” é o resultado de um processo de sinergia em que o resultado é maior que a simples soma das partes.

4. A urgência de uma opção intencional a partir da profecia para a esperança

Como qualquer processo vocacional de apelo à conversão, a interculturalidade não está destinada apenas ao nosso crescimento pessoal e / ou comunitário, que nos leva apenas a buscar uma vida mais pacífica, confortável e tolerante. A vida e a missão interculturais hoje se tornarão um sinal de esperança profética, se ela se construir como um novo estilo de vida alternativo. A refundação da vida religiosa hoje não pode ser feita separadamente da interculturalidade como um sinal dos tempos do mundo de hoje.

“Porque a humanidade se tornou escandalosamente separada e oposta, nós

(individual e corporativamente) devemos fazer uma escolha. Ou nós preferimos continuar pecando – por exclusão, separação e manutenção de limites - e todos os dias comer e beber nossos próprios julgamentos... ou resolvemos aceitar a opção radical de Deus para a humanidade e, com a ajuda de Deus e nossa firmeza, mudar nossas vidas. Não há um terceiro caminho. Ambos, o futuro da humanidade e da Igreja, podem depender disso “ (Anthony Gittins)

A vida intercultural como opção intencional de comunidades religiosas que atravessam fronteiras e se abrem ao “diferente” desconstruindo a “suposta” e anti-evangélica superioridade de alguns / as sobre outros / as se torna um “laboratório” para ensaiar, com a própria vida, relações diferentes relações entre as culturas: as relações de serviços em matéria de igualdade e não de dominação, de capacitação mútua e não de hierarquias que infantilizam ou sufocam a vida, de diálogo e não de assimilação, de encontro e não de colonização, de inculturação e de interculturação.

Mas assumir a interculturalidade a partir do Projeto do Reino não é apenas um exercício intra-comunitário. A verdadeira riqueza dessa prática, que é desempenhada no cotidiano da vida ad-intra, é o potencial impacto profético que a transformará em esperança para o mundo de hoje. A interculturalidade será um sinal de esperança profética para a humanidade, se a nossa própria experiência de convívio valoriza e dá lugar mutuamente transformador à “diferença” portas a dentro, nos põe a caminho para sair ao encontro do diferente, do marginalizado e explorado de hoje.

Somente aqueles que passaram pela conversão pessoal do etnocentrismo para a sensibilidade intercultural terão olhos para ver e assistir ao sofrimento dos invisíveis e excluídos do mundo atual. Como na parábola do “Bom Samaritano” apenas o “estrangeiro”, aquele de que nada era esperado, pode ver primeiro e, em seguida, auxiliar aquele que estava caído na beira da estrada renovando a sua esperança e denunciando, implícita e profeticamente, a cegueira do levita e do sacerdote que passava ao longo do caminho ... (cf. Lc 10, 25-37)

Nós, rambém, se nos deixarmos desafiar e enriquecer pelo olhar do “estrangeiro” e do culturalmente “diferente”, permitiremos a refundação de nossos carismas ampliando a visão de nossos fundadores de maneira que, quem sabe, hoje nem podemos imaginar. Não é um caminho fácil nem isento de desafios, mas se respondermos aos sinais dos tempos, a partir da confiança na obra do Espírito, poderemos anunciar a boa notícia da interculturalidade, e denunciar tudo aquilo que nega, a partir da força e da riqueza do Projeto do Reino, radicalmente inclusivo, que Jesus inaugurou.

¹ Os seguinte gráficos e seu modo geral de apresentá-los foram tomados de Gittins, Anthony J., Vivendo a Missão Interculturalmente: Fé, Cultura e Renovação da Prática (Kindle Locations 621-746). Liturgical Press. Kindle Edition.

SEMEADORAS DE ESPERANÇA PROFÉTICA: O APELO AO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Prof. Donna Orsuto

Originalmente de Ohio, Donna Orsuto é a co-fundadora e diretora do Centro de Leigos da Foyer Unitas (www.laycentre.org). Ela também é professora no Instituto de Espiritualidade da Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, Itália. Ela dá palestras e orienta retiros em várias partes do mundo. Está envolvida no diálogo ecumênico e inter-religioso, tendo atuado como consultora do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso (2001-2006) e agora como membro da Comissão para o Ecumenismo e o Diálogo da Diocese de Roma. Em 7 de outubro de 2011, o Papa Bento XVI nomeou-a uma dama da Pontifícia Ordem Equestre de São Gregório Magno.

Original em Francês

“Aqui estamos nós, você e eu, e espero que um terceiro, Cristo, esteja em nosso meio”.

Aelred of Rievaulx, Amizade Espiritual

“O diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo, e, portanto, é um dever para os cristãos, bem como para outras comunidades religiosas”.

Papa Francisco, Evangelii Gaudium, 250

“Quando escolhemos a esperança de Jesus, descobrimos que o modo de vida bem-sucedido é o da semente... para dar vida, não para preservá-la.”

Papa Francisco, Audiência de quarta-feira, 12 de abril de 2017

Obrigada pelo convite para refletir com vocês sobre o tema “*Semeadoras de esperança profética: o apelo ao diálogo inter-religioso*”. Gostaria de começar com uma imagem que vocês veem projetada na tela. Intitulada “Seguidores de Deus”, foi pintada em 1978 pela artista francesa Dolores Puthod.¹ Representa o Papa Paulo VI na praça de São Pedro com os braços erguidos para receber vários líderes religiosos. Tal encontro realmente nunca aconteceu naquele ano² e se vocês lerem os documentos oficiais da Igreja, focados no diálogo inter-religioso em 1978, vocês teriam que dizer que tal encontro do Santo Padre no Vaticano com líderes de religiões do mundo teria parecido quase impensável. É verdade que *Nostra Aetate* tinha sido promulgada, e Paulo VI tinha chamado para o diálogo em *Ecclesiam Suam* e estava praticando ele mesmo em suas viagens apostólicas, mas o momento, talvez, ainda não estivesse maduro para os líderes das religiões do mundo serem acolhidos no Vaticano. No entanto, ao longo dos anos, muitas

peessoas tiveram a coragem profética de deixar sua imaginação imaginar um futuro diferente daquele do passado. Ao longo do caminho, essas mulheres e homens trabalharam com calma, gentileza e paciência para transformar esse sonho em realidade. *Hoje, essas reuniões entre o papa e líderes de outras religiões são consideradas normais no Vaticano e em viagens apostólicas.* Um exemplo recente são as visitas do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos e ao Marrocos³. *Uma marca registrada de seu pontificado é um diálogo de fraternidade com pessoas de outras religiões.*

As sementes da abordagem de Francisco ao diálogo foram semeadas durante o Concílio Vaticano II. Elas foram alimentadas durante os pontificados de Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. Reconhecer essa progressão é importante porque nos encoraja à medida que abraçamos nosso chamado para nos envolvermos no diálogo inter-religioso. Somos convidadas a caminhar juntas em comunhão com os líderes da Igreja. Como diz o provérbio africano: “Se você quer ir rápido, caminhe sozinho. Se você quiser ir longe, caminhe junto”.

A primeira parte desta apresentação destacará algumas das principais percepções do Magistério durante estas décadas de diálogo que nos ajudam a compreender o contexto do nosso chamado a ser proféticas semeadoras de esperança hoje, através da nossa participação no diálogo inter-religioso. Na segunda parte, tentarei responder às perguntas: por que o Papa Francisco vai ao encontro de pessoas de outras religiões? Por que devemos fazer o mesmo? Como podemos nos tornar semeadoras de esperança profética ao aceitarmos esse chamado para nos envolvermos no diálogo inter-religioso?

I. Da *Nostra Aetate* ao Papa Francisco

Uma âncora para o nosso apelo contemporâneo ao engajamento no diálogo inter-religioso é a Declaração do Concílio Vaticano II “*Nostra Aetate*”.⁴ Este documento dinâmico (e eu diria profético e corajoso) de 1965 não foca o diálogo de maneira abstrata, mas nos lembra que o encontro entre os povos está no centro do diálogo. O objetivo deste encontro é crescer na compreensão mútua. Por exemplo, especificamente no que diz respeito ao diálogo cristão/ Muçulmano, *Nostra Aetate* 3, afirma,

Ao longo dos séculos, surgiram muitas brigas e discórdias entre Cristãos e Muçulmanos. O sagrado Concílio agora pede a todos que esqueçam o passado e insiste que se faça um esforço sincero para alcançar o entendimento mútuo (NA 3).

Uma das maneiras de crescer na compreensão mútua é através da participação no diálogo inter-religioso.

A primeira encíclica de Paulo VI, *Ecclesiam Suam*, um documento que influenciou muito o Papa Francisco,⁵ ainda tem muito a dizer sobre o diálogo em geral, que também pode ser aplicado particularmente ao intercâmbio inter-religioso.

Para Paulo VI, *entramos em diálogo porque nossa experiência do amor de Deus nos encoraja a fazê-lo. Fomos criados à imagem e semelhança de Deus - Pai, Filho e Espírito Santo - para a comunhão e o diálogo*. A história da salvação é o desdobramento desse diálogo. A história da salvação narra exatamente esse longo e mutável diálogo. É uma conversa de Cristo com a humanidade. É acima de tudo um diálogo de amor, pois é assim que Deus é conhecido. Honramos e servimos a Deus compartilhando esse amor com os outros. O diálogo autêntico não pode existir sem amor.

Em *Ecclesiam Suam*, Paulo VI sugere que existem quatro características-chave do diálogo⁶. Embora tenham sido sublinhados há mais de cinquenta anos, são imensamente úteis para hoje e valem a pena lembrar. Em primeiro lugar, o diálogo deve ser marcado pela *clareza* [*Primum omnium perspicuitate colloquium praestae aequum est.*] Minha linguagem é compreensível, aceitável e bem escolhida quando entro em diálogo com os outros? Pode-se acrescentar que a clareza também implica um claro senso de identidade pessoal. Por exemplo, nos últimos vinte e cinco anos, tive o privilégio de morar com pessoas de várias origens religiosas: irmãs e irmãos judeus, muçulmanos, budistas e hindus. Ao viver esse diálogo da vida cotidiana, seria um desrespeito para eles fingir que viver minha fé como cristão católico romano não é fundamental para quem eu sou. Da mesma forma, suas crenças e práticas religiosas são parte integrante de suas vidas e merecem ser respeitadas. É precisamente porque somos claros sobre a nossa identidade religiosa pessoal que podemos realmente entrar em diálogo.

A segunda característica sugerida por Paulo VI é a *mansidão* (*lenitas*). A mansidão geralmente não é falada muito hoje, mas é uma atitude vital para um diálogo genuíno. Percebo que, com frequência, em traduções inglesas de *Ecclesiam suam*, é usada a palavra *humildade* em vez de mansidão. O exemplo de ambas essas atitudes é o próprio Cristo que é “manso (*mitis*) e humilde (*humilis*) de coração” (Mt 11, 29). Os mansos estão livres da altivez e do ressentimento, mesmo quando têm sofrido dano ou repreensão. A mansidão é incompatível com métodos violentos de agir (seja físico ou psicológico). Ela evoca uma gentileza que significaria que ninguém jamais imporá ou forçará a si mesmo ou a um modo de vida a outro.⁷ Quando realmente vivemos essa bem-aventurança (Mt 5, 4), também aprendemos a não nos levar tão a sério. Começamos a reconhecer que a providência de Deus está operando de formas surpreendentes em nossas vidas e isso, conseqüentemente, flui para a nossa atitude em relação ao diálogo.⁸

A terceira característica é *ter confiança ou confiar em* (*fiducia*). Isso implica não apenas a confiança nas próprias palavras, mas também o reconhecimento da boa vontade de ambas as partes envolvidas no diálogo. A confiança nos permite falar a verdade uns aos outros com franqueza, mas esta verdade é sempre falada com caridade (Ef 4,15).

A quarta característica é a *prudência* (*prudencia*), que nos encoraja a nos adaptarmos àqueles e àquelas que nos rodeiam. Significa aprender as sensibilidades de seu público”. Isso nos encoraja a aprender verdadeiramente a ouvir o outro, a

outra. É, no entanto, uma escuta que exige ouvir algumas vezes as palavras por trás das palavras, como um dos meus amigos gosta de dizer. O que as pessoas estão tentando comunicar é muitas vezes velado. Atrás de uma palavra desajeitada pode estar escondido um gesto de amor. Uma palavra irada pode mascarar a dor e o sofrimento. Uma palavra tímida pode ser um grito por amor e aceitação. Até que aprendamos a ouvir as palavras por trás das palavras, nosso diálogo nunca alcançará o nível de profundidade que leva à transformação de nós mesmas e dos outros. Isso não é fácil porque muitas vezes estamos tentando formular nossa resposta, mesmo quando a outra pessoa está falando. Penso que as primeiras linhas da Regra de São Bento ajudam a descobrir como aprender a ouvir. No prólogo, São Bento diz: “Ouça com atenção...às instruções do mestre, e as atenda com a atenção do seu coração”.⁹ Primeiro, há um convite para “ouvir com atenção” (*obscura*) e, segundo, há um apelo para ouvir o outro com “o ouvido do seu coração”, “*inclina aurem cordis tui*”.

João Paulo II foi profundamente influenciado pela *Ecclesiam Suam* e pôs em prática o que Paulo VI disse sobre o diálogo.¹⁰ Ele destemidamente e profeticamente forjou um caminho para uma maior compreensão com pessoas de outras religiões. Quem pode esquecer essa histórica reunião de 1986, em Assis, onde se encontrou pela primeira vez com líderes religiosos de todo o mundo? E, em 1999, ele organizou uma reunião semelhante, uma Assembleia Inter-religiosa, na Praça de São Pedro.¹¹

Em sua Exortação Apostólica, *Redemptoris Missio*, João Paulo II também nos lembrou que o diálogo e a proclamação estão intrinsecamente interligados e se apoiam mutuamente.¹² Ele também distingue vários tipos de diálogo. O primeiro tipo de diálogo que provavelmente vem à sua mente é o chamado *diálogo de especialistas ou de intercâmbio teológico*. Este diálogo oficial é realizado globalmente, através do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e localmente, através de diálogos regionais organizados pelas conferências e dioceses dos Bispos. Nos últimos anos, o círculo de participantes, na maioria dos casos, pelo menos internacionalmente, ampliou-se para incluir mulheres, incluindo religiosas, que também trazem sua experiência para a mesa e participam plenamente tanto do diálogo quanto da redação de textos oficiais.¹³ Existem outras formas e expressões de diálogo, incluindo o diálogo da vida, o diálogo da ação e o diálogo da experiência religiosa.¹⁴ O Papa Francisco falou recentemente de um diálogo de fraternidade, mas mais sobre isso depois! Um ponto é claro: *O diálogo inter-religioso não é uma atividade opcional na Igreja*. Eu diria até que o diálogo deveria ser um estilo de vida *para todos nós*.

Foi sugerido que, se o Papa João Paulo II plantou as sementes para promover o diálogo, o Papa Bento XVI podou as plantas¹⁵, e o Papa Francisco as teria colhido. Seria além do objetivo desta reflexão breve focar nas várias dimensões da abordagem do Papa Bento XVI sobre o diálogo. Gostaria de mencionar apenas um ponto de seu pontificado: o papel importante que ele dá ao cultivo da amizade com pessoas de outras religiões. Se você ler seus discursos sobre o diálogo inter-religioso, o tema da amizade emerge consistentemente.

A amizade é também uma dimensão importante para a abordagem do Papa Francisco às pessoas de outras religiões. Sua abordagem é melhor compreendida no contexto de seu convite para criar uma cultura de encontro. Ele explica:

*Para mim esta palavra é muito importante. Encontro com os outros. Por quê? Porque a fé é um encontro com Jesus e devemos fazer o que Jesus faz: encontrar os outros. Vivemos numa cultura de conflito, uma cultura de fragmentação, uma cultura... de resíduos. (...) [Nós] devemos criar uma 'cultura de encontro', uma cultura de amizade, uma cultura na qual encontramos irmãos e irmãs, na qual também podemos conversar com aqueles e aquelas que pensam de maneira diferente, assim como aqueles e aquelas que mantenham outras crenças, que não tenham a mesma fé. Todos eles, todas elas têm algo em comum conosco: são imagens de Deus; eles são filhos de Deus.*¹⁶

Esta citação traz dois pontos importantes. Primeiro de tudo, encontrar os outros é o modo de ser e agir de Jesus. Na raiz do nosso encontro com os outros está a profunda experiência que cada um de nós teve de um encontro com Cristo. Como cristãs, somos convidadas a dialogar com os outros, mas sempre com uma terceira pessoa, Cristo, que está sempre presente. Como Aelred de Rievaulx certa vez escreveu em seu livro clássico, *Amizade Espiritual*, “Aqui estamos nós e você, e espero que um terceiro, Cristo, esteja em nosso meio”.¹⁷ Cristo é o fundamento, o centro e o fim de todo o diálogo com os outros. Em nosso diálogo com os outros, somos convidadas a buscar e reconhecer o rosto de Cristo em nosso meio.

Em segundo lugar, o Papa Francisco nos lembra que todos temos algo em comum: somos todos criados à imagem e semelhança de Deus. Uma consequência deste ensinamento é que somos todos irmãos e irmãs uns dos outros. Somos chamadas a “estar lá” um pelo outro.¹⁸ Somos “seres de encontro”.¹⁹

Nesta primeira seção, estabeleci brevemente o contexto de por que o diálogo é parte integrante de nosso chamado como cristãos. Vimos que não é uma atividade opcional para nós. Como religiosas chamadas a ser semeadoras de esperança profética, vocês são convidadas a aceitar este apelo. Você pode perguntar, especialmente no contexto de muitos outros desafios que enfrenta, *por que devemos seguir o exemplo do Papa Francisco e nos comprometer com o diálogo inter-religioso?* Como podemos nos preparar para acolher esse apelo? Quais são alguns passos práticos que podemos dar para responder de maneira profética a esse apelo? Este será meu foco na segunda parte desta reflexão.

II. Tornar-se testemunhas Proféticas da Esperança

Mesmo se deixarmos de lado os documentos oficiais do Magistério, precisamos apenas navegar nas mídias sociais para perceber a urgência de envolver os outros no diálogo. Com tantos conflitos no mundo hoje, simplesmente não temos o luxo de ficar de pé e fingir que o diálogo não nos diz respeito. *Todas nós somos corresponsáveis pela missão da Igreja no mundo e todas somos chamados a ser protagonistas do diálogo inter-religioso.* Como o Papa Francisco disse, “O

diálogo é uma condição necessária para a paz no mundo e por isso é um dever para os cristãos assim como para outras comunidades religiosas”.²⁰ Cada uma de nós pode fazer a diferença, se somos corajosas e proféticas o suficiente para nos arriscar a engajar o “outro”. *Nós nos engajamos em diálogo inter-religioso simplesmente porque precisamos.*

Nesta seção, gostaria de propor cinco maneiras práticas de se engajar no diálogo inter-religioso, hoje.

Primeiro, reconheçam que muitas de vocês já estão diretamente envolvidas no diálogo inter-religioso e fortaleçam esses relacionamentos.

Muitas de suas congregações religiosas já estão lançando sementes de esperança profética: suas escolas, hospitais e instituições atendem pessoas de outras religiões e vêm fazendo isso há anos. Muitas de vocês trabalharam lado a lado com pessoas de outras religiões nos seus apostolados. O impacto que vocês tiveram não pode ser subestimado. Eu ouvi recentemente sobre como, por exemplo, na Palestina, uma congregação religiosa, que cuida de crianças com deficiências de diferentes origens religiosas e culturais, criou um ambiente onde se tornou normal que pais e filhos de diferentes religiões se reunissem para as celebrações de aniversários. Isso pode parecer um pequeno gesto, mas tal compartilhamento transforma uma cultura de desconfiança numa cultura de encontro.

Muitas Religiosas têm mostrado solidariedade com pessoas de outras religiões em situações angustiantes de sofrimento. Em países devastados pela guerra, muitas religiosas optaram por permanecer nos países. Penso, por exemplo, nos 19 mártires argelinos recentemente beatificados, entre os quais havia seis religiosas.

Ao reconhecer e agradecer a Deus pelo que você já está fazendo, você também pode fazer a pergunta: existem maneiras de fortalecer os laços que já estão presentes?

Em segundo lugar, aproxime-se de seus vizinhos

O Papa Francisco nos encoraja a não apenas encontrar os outros, mas a forjar relações de amizade com eles. Concretamente, isso significa que não devemos esperar que a tragédia atinja - um ataque terrorista ou um desastre natural aconteça - para estender a mão aos outros. Precisamos fazer a pergunta agora: quem é meu vizinho? Quem são as pessoas de outras religiões no meu bairro, na minha cidade? Embora especialistas médicos possam não concordar hoje, talvez possamos aplicar o conselho de Aristóteles de que a amizade leva tempo e, portanto, como diz o provérbio, precisamos comer uma pitada de sal juntas. Nós não precisamos tomar o provérbio literalmente, mas tudo o que a comunhão sugere é necessário para o diálogo inter-religioso.²¹ Há algo de sagrado sobre hospitalidade e comunhão ao redor da mesa que quebra barreiras e abre a comunicação. Não é de se surpreender que os Evangelhos frequentemente retratem Jesus à mesa com os outros e que é no contexto de uma refeição que Jesus escolheu marcar o dom de si para nós na Eucaristia.²² Praticamente, isso pode significar saber quando as

festas religiosas de meus vizinhos são celebradas e ir ao encontro deles para convidá-los, talvez convidá-los para uma refeição ou se juntar a eles para comemorar. Eu conheço mulheres religiosas em países onde elas são uma minoria que regularmente se juntam a famílias muçulmanas para Iftar, a festa diária que quebra o jejum do Ramadã.

Terceiro, desvende o medo através do conhecimento: aprenda mais sobre pessoas de outras religiões e suas crenças

As religiosas têm uma responsabilidade particular de promover um amor que elimina o medo. Alguns estudiosos dizem que a frase “não tenha medo” aparece de uma maneira ou de outra 366 vezes na Bíblia, uma para cada dia do ano, incluindo o ano bissexto! Vemos que uma cultura de encontro e diálogo floresce quando as pessoas não estão paralisadas pelo medo. É preciso uma coragem incrível para se arriscar a ir ao encontro do outro, especialmente depois de experiências de violência extrema, mas quando as pessoas tiveram a coragem de transcender seus medos e arriscar-se a ir ao encontro do outro, os resultados foram transformadores.

Uma das formas de combater o medo é através de um conhecimento mais profundo do outro. O conhecimento pode erradicar as falsas percepções que podemos ter deles e de sua religião. Por esta razão, o Papa Francisco destaca a importância de uma formação adequada, especialmente para promover o diálogo, por exemplo com os muçulmanos. Ele diz,

A fim de sustentar o diálogo com o Islã, a formação adequada é essencial para todos os envolvidos, não apenas para que eles possam se apoiar solidamente em sua própria identidade, mas também reconhecer os valores dos outros, apreciar as preocupações subjacentes às suas demandas e lançar luz sobre crenças compartilhadas. Nós, cristãos, devemos abraçar com afeição e respeitar os imigrantes muçulmanos em nossos países da mesma maneira que esperamos e pedimos para sermos recebidos e respeitados em países de tradição islâmica. (Evangelii Gaudium, 253)

Embora muitas em suas congregações já estejam envolvidas num diálogo de vida com hindus, muçulmanos, budistas e outros, pode-se perguntar: quantas Irmãs receberam formação oficial em outras religiões?

O conhecimento básico de outras religiões para todas nós é importante, mas eu daria um passo a mais: precisamos de religiosas bem formadas, capazes de sentar à mesa quando os diálogos oficiais estiverem ocorrendo.²³

Isso implicará investir em recursos significativos na educação e formação das Irmãs para o diálogo inter-religioso. Há um crescente reconhecimento de que uma comunidade de apoio espiritual e profissional contínuo é fundamental para sustentar e nutrir líderes formadas no diálogo inter-religioso, não apenas durante seus anos de educação, mas também durante toda a sua vida profissional. Conferências e seminários, encontros formais e informais, retiros e o uso de mídias sociais são essenciais para o compartilhamento de informações, aprimorando

percepções e apoiando umas às outras.

As suposições e demandas do diálogo inter-religioso estão se tornando mais rigorosas do que nunca. O diálogo efetivo requer não apenas o reconhecimento de que todos os participantes sejam sinceros e de boa vontade, mas também inclui o exame cuidadoso de diferentes posições e a exploração criteriosa das suposições por trás delas. Para fazer isso, todo o conjunto de erudição e ciência moderna deve ser levado ao diálogo. Assumir o compromisso de preparar mais as religiosas para participarem plenamente junto com os homens no diálogo aumentaria a qualidade do diálogo e testemunharia mais credivelmente o ensinamento da Igreja sobre a igualdade e complementaridade de mulheres e homens.²⁴

Existem numerosas instituições educacionais e oportunidades em Roma e em outras partes do mundo, onde bolsas de estudos estão disponíveis para apoiar as Irmãs que poderiam ser capacitadas para o diálogo inter-religioso (basta perguntar a Ir. Pat Murray para mais informações!).

Quarto, rezar; rezar pela paz entre pessoas de diferentes religiões

Em seu discurso na Conferência da Fraternidade nos Emirados Árabes Unidos, o Papa Francisco disse:

... A oração é essencial: enquanto a oração sincera encarna a coragem da alteridade em relação a Deus, também purifica o coração de se voltar para si mesmo. A oração do coração restaura a fraternidade. Consequentemente, quanto ao futuro do diálogo inter-religioso, a primeira coisa que temos a fazer é rezar e rezar uns pelos outros: somos irmãos e irmãs! Sem o Senhor, nada é possível; com ele, tudo fica possível! Que a nossa oração - cada um segundo a sua própria tradição - respeite totalmente a vontade de Deus, que quer que todos os homens e mulheres reconheçam que são irmãos e irmãs e vivam como tal, formando a grande família humana na harmonia da diversidade.

[O Papa Francisco continua] Não há alternativa: construiremos o futuro juntos ou não haverá futuro. As religiões, em particular, não podem renunciar à tarefa urgente de construir pontes entre povos e culturas. Chegou o momento em que as religiões deveriam se empenhar mais ativamente, com coragem e audácia, e sem pretensão, em ajudar a família humana a aprofundar a capacidade de reconciliação, a visão de esperança e os caminhos concretos da paz.²⁵

Aqui o Papa Francisco está incentivando as pessoas de todas as religiões a rezar pela paz. Eu faria um apelo a vocês, Superiores Religiosas. Eu sei que muitas de suas congregações missionam membros idosos para rezar por certas pessoas ou apostolados. Seria possível pedir a algumas irmãs para rezar, por exemplo, para pessoas de outras religiões em seu próprio país e para a paz entre povos de diferentes religiões em partes problemáticas do mundo?

Quinto, veja o outro com os olhos de Deus: contemplação e diálogo

Meu ponto final se concentra numa atitude fundamental de diálogo: olhar o outro com os olhos de Deus. Não é de se surpreender que o diálogo inter-religioso

tenha florescido especialmente entre aqueles que compartilham entre si um diálogo de experiência religiosa. A contemplação como um modo de vida leva a pessoa não apenas a ver a Deus, mas também a ver os outros como Deus os vê. Em um relato bem conhecido por todos nós, o martírio dos sete trapistas na Argélia e o testamento comovente de Dom Christian de Chergé, há uma percepção do que isso pode significar. Seu *Testamento* tem um subtítulo “*Quand un À-Dieu s’envisage*” ou “quando um adeus é contemplado”. Muito mais forte que o equivalente em inglês, “despedida” adeus. A-Dieu significa literalmente “a Deus”. A palavra *envisagé* significa visto ou contemplado, mas também pode significar algo que tenha recebido uma face ou tenha sido dado um rosto (de acordo com o pensamento filosófico de Emanuel Levinas). Assim, o subtítulo poderia significar “Contemplar quando Deus recebeu um rosto”.²⁶

Nesse contexto, talvez possamos entender as profundezas das palavras de Dom Christian:

*E também você, o amigo do meu momento final, que não estaria ciente do que estava fazendo. Sim, eu também digo Obrigado e este “À-Dieu” para você em quem eu vejo a face de Cristo.*²⁷

Ao comentar esta passagem, Dom Armand Veilleux observa que “esta capacidade de ver a face de Deus, a encarnação de Deus, na pessoa que corta sua garganta é certamente o fruto de uma profunda vida contemplativa vivida em profundo relacionamento com um grupo de irmãos, com a Igreja e com toda a família humana”²⁸ Se “o diálogo é o novo nome para a caridade” (VC 74), então que maior expressão de caridade existe do que dar a vida pelos outros? Ao ler este relato comovente, é um lembrete de que *a melhor preparação para o diálogo é uma vida de contemplação*. É isso que nos permite ver o rosto de Cristo no outro e o que nos levará a um diálogo sem fronteiras.

Para concluir, gostaria de citar as palavras da Ir. Yvonne Gera, Missionária Franciscana de Maria, que trabalhou por vinte e dois anos na Argélia e conheceu pessoalmente todos os mártires argelinos recentemente beatificados. Quando perguntada sobre o que dizer às religiosas que vivem em países em crise, ela respondeu:

Nós somos missionárias. Aconteça o que acontecer, somos missionárias. Sabemos que essa é a nossa vocação e eu digo uma coisa: “você receberá mais do que você dá”. Às vezes é difícil sim, mas o Senhor nos chamou. Se as pessoas sofrem, sofreremos com elas. É nossa vocação e o Senhor está sempre lá para nos ajudar. Mesmo no sofrimento ou no martírio. Esses 19 mártires sabiam que eram alvos, mas permaneceram. Não tenham medo, o Senhor está lá para ajudá-las.²⁹

“Não tenham medo, o Senhor está lá para ajudá-las”: estas são palavras encorajadoras também para vocês e para mim, enquanto abraçamos o chamado para participar do diálogo inter-religioso. Ao semearmos, corajosamente, sementes de esperança profética no mundo hoje, lembremo-nos destas palavras: “Não tenham medo, o Senhor está lá para ajudá-las”.

- 1 Para ver a cópia desta imagem, clique aqui: <https://www.google.com/search?q=followers+of+god+puhthod&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwjy16n-nhAhWfYKQKHS5PDQAQsAR6BAGJEAE&biw=1440&bih=757#imgdii=tLny2VJRZJzCM:&imgsrc=CwqPAAG1G—fUM>:
- 2 Foi somente em 1986 que um Papa se encontrou líderes de religiões mundiais dessa maneira - eo encontro histórico entre São João Paulo II e líderes religiosos ocorreu não em Roma, mas em Assis. Um encontro inter-religioso teve lugar na Praça de São Pedro, mas apenas em 1999, em preparação para o Grande Ano Jubilar de 2000.
- 3 Veja o importante documento, um resultado da visita Apostólica do Papa Francisco a Emiratos Árabes Unidos: *Fraternidade Humana para a Paz no Mundo e Trabalharmos Juntos*: https://w2.vatican.va/content/francesco/en/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html.
- 4 Para uma visão geral, veja Michael L. Fitzgerald, "Nostra Aetate, uma Chave para o Diálogo Inter-Religioso" *Gregorianum* 87, n. 4 (2006): 699-713. <http://www.jstor.org.proxy.library.georgetown.edu/stable/23581614>.
- 5 Veja Pierre de Charentenay, *À Raiz do magistério de Francisco: A atualidade da Ecclesiam Suam e da Evangelii Nuntiandi* (Vatican City: LEV, 2018).
- 6 Para a descrição das quatro características do diálogo, veja *Ecclesiam suam* 81.
- 7 f. "Mansidão" no Dicionário Bíblico, editado por Xavier Léon-Dufour (Boston: St. Paul Multimedia, 1995³), que sugere que no Antigo Testamento, Moisés é um modelo de mansidão que não se baseou na fraqueza, mas na submissão a Deus. Moisés foi dócil e confiou no amor de Deus (Nm 12,13, Si 45, 4; 1,27) e conseqüentemente foi manso para com os outros, particularmente para os pobres (Si 4, 8). No Novo Testamento, Jesus revela a mansidão de Deus (Mt 12,18).
- 8 Cf. Simon Tugwell, *Reflexões sobre as Bem-Aventuranças* (London: Darton, Longman and Todd, 1980), esp. Capítulo Quarto (pp. 29-41), que está focado na mansidão.
- 9 *Regra de Bento 1980*, Prologus, "Obsculta, o fili, praecepta magistri, et inclina aurem cordis tui..." Edited by Timothy Fry et Al. (Collegeville: The Liturgical Press, 1981), p. 156.
- 10 Para uma excelente visão geral, ver John Borelli, "João Paulo II e o Diálogo Inter-Religioso". Em *New Catholic Encyclopedia Supplement, Volume Jubileu: Os Anos Wojtyla*, editado por Polly Vedder, 81-88. Detroit, MI: Gale, 2000. Gale Virtual Reference Library (acessado em 2 de fevereiro de 2019).
- 11 Sobre a Assembleia Inter-Religiosa, veja *Pró Diálogo* 2000, pp.7-16.
- 12 Ver João Paulo II, *Redemptoris Missio*, 55: "O diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja. Entendido como método e um meio de conhecimento e enriquecimento recíprocos, o diálogo não se opõe à missão ad gentes; na verdade, tem ligações especiais com essa missão e é uma das suas expressões...
À luz da economia da salvação, a Igreja não vê conflito entre a proclamação de Cristo e o diálogo inter-religioso. Em vez disso, ela sente a necessidade de ligar os dois no contexto de sua missão ad gentes. Esses dois elementos devem manter sua conexão íntima e sua distinção; portanto, não devem ser confundidos, manipulados ou considerados idênticos, como se fossem intercambiáveis".
- 13 Por exemplo, as mulheres participaram, ainda que em números limitados, dos diálogos oficiais organizados pelo Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso. Um bom ponto de partida é revisar os vários volumes do *Pro Dialogo* que regularmente listam vários diálogos e às vezes incluem os nomes dos participantes.
- 14 João Paulo II menciona estes tipos de diálogo em *Redemptoris Missio* 11.
- 15 Veja o artigo equilibrado de Emil Anton. "Missão Impossível? Papa Bento XVI e o Diálogo Inter-religioso." *Estudos Teológicos* 78.4 (2017): 879 – 904.
- 16 Papa Francisco, vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais, 18 de maio de 2013. http://w2.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html
Veja também Diego Fares, *O Coração do Papa Francisco. Como uma Nova Cultura do Encontro está Mudando a Igreja e o Mundo* (Nova York: The Crossroad Publishing

Company) [A Herder & Herder Book], 2015), p. 17

¹⁷ Aelred of Rievaulx, *Amizade Espiritual* (Kalamazoo, Michigan: Cistercian Publications, 1977), p. 51.

¹⁸ Veja o artigo equilibrado de Emil Anton. "Missão Impossível? Papa Bento XVI e Diálogo Inter-religioso. "Theological Studies 78.4 (2017): 879–904.

¹⁹ Farres, p. 22, citando Francisco.

²⁰ Francisco, *Evangelii Gaudium*, 250.

²¹ Veja Aristóteles, *Ética Nicômaco VIII, 4, 25*, onde Aristóteles enfatiza que as amizades levam tempo para se desenvolver. As pessoas precisam de tempo para se acostumarem umas às outras, pois, "como diz o provérbio, não podem se conhecer antes de compartilharem o tradicional" pique "do sal, e não podem se aceitar ou ser amigos até que cada uma pareça amável ao outro e ganhe a confiança do outro".

²² Veja Eugene Laverdiere, *Jantar no Reino, As Origens da Eucaristia Segundo Lucas* (Chicago: Liturgy Training Publications, 1994).

²³ Ao organizar eventos inter-religiosos, deve ser normativo que mulheres e homens trabalhem juntos no planejamento, execução e avaliação do programa. A esse respeito, homens e mulheres religiosos deram um excelente exemplo ao estabelecer a Comissão da UISG-USG para o Diálogo Inter-religioso. Desde 2002, essa comissão de dezesseis mulheres e homens reúne-se regularmente para "estimular a conscientização e desenvolver a

compreensão entre as Congregações religiosas residentes em Roma sobre a importância do ministério do diálogo inter-religioso". Outro exemplo é o Diálogo Inter-Religioso Monástico onde há mais de quarenta anos, onde monges e freiras têm estado em diálogo com Budistas, Hindus e Muçulmanos.

²⁴ Veja Kathleen McGARVEY, OLA "A Igreja e as Relações Cristãs-Muçulmanas na África A serviço da Reconciliação, Justiça e Paz. Gênero: Onde estão as mulheres no diálogo inter-religioso? ", Trabalho apresentado na conferência da CAFOD / Heythrop em 28 e 29 de outubro de 2009, em Londres. http://www.olaireland.ie/files/9714/1933/2213/The_Church_and_Christian-Muslim_Relations_in_Africa.pdf Veja também o seu livro *Mulheres Muçulmanas e Cristãs em Diálogo: O Caso do Norte da Nigéria* (Bern: Brill, 2009).

²⁵ Veja http://w2.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190204_emiratarabi-incontrointerreligioso.html

²⁶ Armand Veilleux, "Comunidade, Igreja e a Vida Contemplativa", em *The Gethsemane Encounter. Um Diálogo sobre a Vida Espiritual de Monásticos Budistas e Cristãos*, Editado por Donald Mitchell e James Wiseman (Nova York: Continuum, 1999), p. 133

²⁷ Citado em Veilleux

²⁸ Veilleux, p. 133.

²⁹ Entrevista, 7 de dezembro de 2018 <https://zenit.org/articles/franciscan-sister-recalls-algerian-martyrs/>

A DIVERSIDADE É NATURAL, MAS A TOLERÂNCIA E O RESPEITO PRECISAM SER NUTRIDOS

Dewi Maharani

Dewi Maharani é a quarta dos cinco filhos nascidos em Semarang, uma cidade portuária no norte de Java, na Indonésia. Como muçulmana, desde tenra idade, ela experimentou o encontro e o diálogo com pessoas de diferentes religiões. Alguns dos membros de sua família ampliada professam diferentes crenças, incluindo as religiões islâmica, budista e cristã, tanto católicas quanto protestantes. Em 2017, pouco antes de iniciar seu mestrado em Estudos Ambientais e Urbanos na Universidade Católica Soegijapranata em Semarang, Java Central, um amigo pediu a ela para se juntar a uma organização nacional focada na tolerância, humanidade e atenção às minorias, centrada no exemplo do falecido presidente indonésio, Gus Dur (Abdurrahman Wahid). Mais tarde, ela participaria de várias atividades inter-religiosas na Indonésia como uma forma de ser uma ponte entre as pessoas e combater a intolerância. Ela foi convidada a participar da reunião Pré-Sinodal, de 2018, sobre as experiências dos jovens e da fé, em Roma; essa seria a sua primeira mas não a última viagem a Roma. Em fevereiro de 2019, Dewi ingressou no Centro para Leigos no Foyer Unitas como bolsista residente depois de receber uma bolsa da Fundação Nostra Aetate do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-Religioso. Ela estuda no Angelicum.

Original em Inglês

A diversidade é natural, mas a tolerância e o respeito devem ser nutridos”.

Essas palavras pronunciadas por um padre diocesano indonésio me parecem ser muito verdadeiras. A questão que nos desafia hoje é: como você e eu podemos nutrir a tolerância e o respeito pelos outros nas pessoas que estão à nossa volta?

Hoje, brevemente, vou compartilhar um pouco da minha caminhada, oferecer algumas ideias e apresentar três sugestões práticas sobre como juntas podemos semear sementes de paz e diálogo no mundo conturbado de hoje.

Minha História

Eu tenho 23 anos de idade e sou uma muçulmana indonésia. Estou em Roma desde fevereiro, porque recebi uma bolsa da Fundação Nostra Aetate. Esta bolsa de estudos, que está sob o auspício do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-Religioso do Vaticano, me permite estudar aqui por um semestre, para que eu possa aprender mais sobre o Cristianismo. Eu concordo plenamente com o que o Papa Emérito Bento XVI disse: “Aqueles que estão envolvidos no diálogo inter-religioso devem ser bem formados e bem informados”. Eu faço cursos de Bíblia e Teologia na Universidade Angelicum e no Instituto Pontifical para Estudos

Arábicos e Estudos Islâmicos - Pontifical Institute for Arabic and Islamic Studies (PISAI). Eu moro com um grupo internacional de estudantes no Centro para Leigos, Lay Center, um centro para estudantes leigos. Durante estes meses, construí amizades e redes com os Cristãos, particularmente com os Católicos, que certamente me ajudarão em meu futuro trabalho e serviço no campo do diálogo inter-religioso, à medida que me preparo para voltar à Indonésia, no final de junho.

No meu país, a maioria da população é muçulmana. Em torno de 3,7% da população é Católica. Embora na maioria das vezes, os Católicos pudessem praticar livremente sua religião e viver pacificamente com seus vizinhos muçulmanos, houve ocasiões em que os Cristãos foram discriminados e perseguidos. Fundamentalistas radicais, interpretaram erroneamente o Alcorão Sagrado e a Sunnah do profeta Maomé - que a paz esteja com ele - esse é um grande desafio para nós.

Sinto-me, realmente, triste com isso. Eu, também, sinto-me triste porque muitos Cristãos associam o Islamismo ao terrorismo. O Islã é uma religião pacífica e o Alcorão nos ensina a amar e a respeitar aqueles que abraçam outras religiões: “Para você ser a sua religião, para mim, ser a minha religião.” Para nós, Muçulmanos, minhas queridas amigas Cristãs, como está escrito no Alcorão Sagrado, vocês são “Pessoas do Livro”. Vocês, os Cristãos, são considerados os mais próximos de nós, Muçulmanos, pois entre vocês existem Monges e Sacerdotes, e eles são pessoas humildes.

Minha experiência pessoal com Cristãos, particularmente Católicos, tem sido muito positiva ao longo dos anos e, muito especialmente, em Roma. Eu venho de uma família inter-religiosa com membros Cristãos e Muçulmanos. Eu tinha amigos Cristãos na escola e até namorei com um Cristão quando eu estudava no Ensino Médio. Eu ia à Missa com ele e ele vinha comigo à Mesquita.

Eu fiquei muito feliz de vir a Roma pela primeira vez no ano passado, quando participei da reunião Pré-Sinodal sobre as experiências dos jovens e da fé. Acho os Católicos são muito abertos e acolhedores, inclusivos e abraçam a diversidade. Com relação à juventude, todos nós, Cristãos e Muçulmanos, enfrentamos desafios sociais e culturais semelhantes. Mas uma coisa é certa: os jovens têm que estar preparados para serem protagonistas do diálogo inter-religioso, a fim de promover hoje e para o futuro a paz e a harmonia.

Eu aprecio, especialmente, a gentileza das Irmãs religiosas que se tornaram minhas amigas desde que cheguei em Roma, em fevereiro. Penso nas Irmãs que espontaneamente compartilham comigo suas anotações das aulas todas as semanas; as Irmãs indonésias que regularmente comem uma refeição chinesa comigo (precisamos comer arroz às vezes!); e a Irmã maternal que se senta ao meu lado, numa das minhas salas de aula e que sempre me oferece um chocolate no intervalo. Estes podem parecer pequenos gestos, mas eles têm um valor imenso, pois eles têm um grande alcance e ajudam a fazer com que eu me sinta em casa, num ambiente novo.

O que eu aprendi

Eu, embora seja jovem e ainda tenha muito a aprender, gostaria de compartilhar com vocês algumas ideias sobre o diálogo inter-religioso, baseadas em minha experiência.

Primeiro de tudo, o diálogo inter-religioso é mais do que falar sobre religiões, é sobre encontrar-se e reconhecer nossa humanidade comum. O Papa Francisco deu um bom exemplo. Uma coisa que realmente tocou meu coração foi a conversa dele com a criança cujo pai ateu morrera. O menino, chorando, perguntou ao Papa: “Deus aceitará meu pai no céu?” O Papa Francisco respondeu: “Deus nunca abandonará o Seu povo”. Este é o ponto de partida para todos nós: Deus está conosco e não nos abandonará.

Segundo, teremos sucesso no diálogo inter-religioso somente se enfatizarmos nossa humanidade comum e cultivarmos fortes laços de relações humanas com os outros, seguindo o exemplo do Papa Francisco. Diálogo não é apenas sobre discussões religiosas sobre nossas semelhanças ou diferenças. Para mim, o diálogo inter-religioso significa algo mais concreto: ele nos permite de viver juntos. Por exemplo, podemos ajudar uns aos outros a cuidar dos pobres, dos doentes e vulneráveis e podemos trabalhar juntos para cuidar da Terra, nosso lar comum.

Finalmente, o diálogo inter-religioso amplia nossas mentes e corações. Precisamos ter mentes abertas e capacidade de cultivar relacionamentos saudáveis uns com os outros. Nós descobriremos novas realidades através de nossos encontros uns com os outros. Por exemplo, no Centro de Leigos, observo respeitosamente como meus amigos Cristãos se reúnem para a Missa. Da mesma forma, meus amigos Cristãos estão aprendendo e me apoiando enquanto jejuo durante o Ramadã. Eles permanecem perto de mim nestes dias, pois a cada final de dia eu quebro meu jejum com a refeição Ifar – refeição do final do dia de jejum.

Conclusão

Concluindo, Amadas Irmãs, quero dizer-lhes, **por favor, não tenham medo de aprender sobre outras religiões e encorajar os membros de suas congregações a fazê-lo.** Garanto-lhes que fui enriquecida pelo que aprendi sobre o Cristianismo nesses meses. Eu serei uma muçulmana melhor por causa do meu encontro com outras religiões. Vocês e eu, pela aprendizagem e pelo ensinamento de outras religiões, assim como dando esta oportunidade de aprendizagem aos jovens, podemos fazer a diferença e lutar contra aqueles que usam a religião como um instrumento para o mal.

Em segundo lugar, **vamos nos comprometer a caminhar juntas, lado a lado, com coragem - sem medo do que os outros pensarão de nós.** Alguns Muçulmanos me criticam por construir pontes com Cristãos e por ter amigos Cristãos, mas eu penso que estão errados. Podemos fazer a diferença em nosso mundo conturbado se nos comprometermos a trabalhar juntos.

Finalmente, **vamos rezar uns pelos outros e pelo nosso mundo conturbado.** Rezemos, cada um a seu modo, pela paz nos corações de todas as pessoas, pela paz em nossas comunidades, pela paz no mundo. Se trabalharmos e rezarmos pela paz, com a ajuda de Deus, faremos a diferença.

Obrigada pela atenção.

Salaam alaikum. Pace a Voi. A Paz esteja com você, Peace be with you, salam sejahtera!

EXPERIÊNCIAS DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Elena Dini

Elena Dini trabalha no campo da comunicação para organizações religiosas e está envolvida no diálogo inter-religioso, tanto a nível acadêmico e de base.

Ela continua seus estudos em Teologia das Religiões na Faculdade de Missiologia da Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. É graduada em Peacehamking Fellowship (construtores de Paz), no Seminário de Hartford, nos EUA (2013-2014) e bolsista da Russel Berrie, pela Pontifícia Universidade de Santo Tomás de Aquino, na Itália (2014-2015) para Certificado em Diálogo Inter-religioso. Elena ensinou módulos sobre o Islamismo e sobre o Diálogo Inter-religioso em diferentes instituições e centros acadêmicos.

É responsável pelos encontros inter-religiosos na Basílica do Sagrado Coração, em Roma, num projeto mais vasto dirigido a jovens refugiados e italianos que ela representa no recém-lançado Network 4 Dialogue, que reúne associações europeias e trabalham para a inclusão social de migrantes e refugiados. Foi organizadora de um curso de formação para professores de religião sobre como ensinar diversidade religiosa e cultural, em Roma (2017), e está trabalhando agora em um livreto no qual apresenta Experiências de encontro entre judeus, cristãos e muçulmanos na Terra Santa. Ela é membro do comitê de direção do Fórum Internacional Abraâmico.

Original em Inglês

É um privilégio estar aqui com vocês esta manhã e compartilhar algumas reflexões sobre o diálogo inter-religioso. E isso não é apenas pela honra que vocês me dão, mas também porque é uma maneira de retribuir o que recebi de religiosas ao longo dos últimos 20 anos que me prepararam para a aventura do encontro com pessoas de outras religiões.

Eu venho de uma família com raízes mistas - religiosas e culturais - e onde a religião não era um tema principal de discussão, porque os crentes eram considerados pessoas um pouco estranhas. No entanto, não senti que meu histórico familiar tivesse tido um grande impacto sobre mim até que me tornei adolescente.

Quando eu tinha 16 anos, conheci um grupo de jovens que formava uma comunidade com algumas jovens consagradas e isso mudou muito minha percepção sobre as pessoas de fé e me atraiu para uma caminhada de fé pessoal. Durante

vários anos, tenho estado tão ocupada com a minha própria descoberta de Jesus que comecei a dedicar todo o meu tempo para aprofundar o que se tornou minha fé.

Levei algum tempo para moldar o que eu percebia como uma visão global nova de mundo e o desejo de que minha fé se tornasse plena e integral em mim fez com que eu pensasse em estudar Teologia. No entanto, para encontrar um emprego nesta área parecia ser um verdadeiro desafio para uma jovem leiga. Assim, decidi estudar idiomas e, inspirada na história pessoal de minha mãe, eu estudei árabe. Isso abriu-me para um outro mundo, o mundo do Islã.

Qual foi a minha surpresa quando descobri que havia pessoas no mundo que não reconheciam a divindade de Jesus e ainda assim ... elas pareciam estar tendo um relacionamento com Deus. Mais do que uma surpresa, que desafio! Como conciliar isso na minha recém formada visão católica?

Eu comecei a conhecer mais e mais muçulmanos e ter conversas significativas com eles. E lentamente retornei à minha ideia de estudar Teologia e, mais do que isso, meu campo de estudo tornou-se Teologia das religiões e do diálogo inter-religioso. Eu acabei encontrando-me nos Estados Unidos vivendo num apartamento com colegas muçulmanas, especialmente uma amiga querida que costumava trabalhar na Universidade Al-Azhar, no Egito.

Passamos tantas manhãs, tardes e noites dando-nos a conhecer. No começo, nós duas éramos cautelosas em nossa abertura uma para a outra, com o cuidado de não nos ofender. Lentamente, começamos a nos fazer mais perguntas, depois passamos a compartilhar cada vez mais sobre nossas histórias, nossa vida e fé. E um passo adiante, começamos a compartilhar segredos que talvez não tivéssemos coragem de compartilhar com nossos correligionários.

Nós estávamos testemunhando grandes eventos acontecendo em nossa vida. Lembro-me de uma noite em que ambas tivemos uma escolha importante a fazer e decidimos reservar um momento para rezar. Eu costumava participar da oração na sexta-feira com a comunidade muçulmana morando no campus e, todos os dias, costumava ver minhas colegas de apartamento rezarem. Mas, mas naquela noite, depois de compartilhar preocupações, medos e lágrimas, era diferente. Cada uma de nós estava rezando a seu próprio modo, mas mantínhamos a outra pessoa em nosso coração, pensamento e intercessão, enquanto dirigíamos a Deus nossa oração.

Nós tínhamos muito em comum, e talvez a coisa mais importante que tínhamos em comum era o amor de uma pela outra a ponto de nos sentir convidadas a levar a outra pessoa para nosso relacionamento com Deus. Mas, naquela noite, durante aquela oração intensa, eu também percebi que algumas de nossas ideias, concepções teológicas e maneiras de olhar para Deus eram diferentes. E essas diferenças precisavam ser reconhecidas se quiséssemos que nosso relacionamento fosse real.

Eu me encontrei novamente com esta querida amiga há alguns meses atrás:

agora ela mora no Reino Unido e eu estou de volta à Itália e tivemos a chance de passar algum tempo juntas, durante uma conferência. Foi comovente ver o quanto nossas vidas foram moldadas de uma maneira nova e estamos melhor preparadas e informadas por causa de nossa experiência inter-religiosa: nossas vidas profissionais, as pessoas que amamos, mas até mesmo o modo como vivemos nossas respectivas vidas como casais, pois somos casadas. A atitude em relação ao diálogo, a disposição de receber a outra pessoa e de aprender com ela tem o poder de transformar a vida de uma pessoa. Nossa amizade continua me ensinando a beleza de ver o quanto nós compartilhamos com pessoas de outras religiões, mas também a importância de celebrar as diferenças: aqui é onde eu aprendo, onde sou desafiada a sair da minha zona de conforto e a ir ao encontro para acolher e ser acolhida.

Minha caminhada inter-religiosa também tem outro aspecto. Quando sua visão global de mundo é tão desafiada, você, voltando para sua comunidade de fé, não pode deixar de compartilhar o que se tornou tão importante em sua vida cotidiana por causa de seus estudos e dos encontros que você teve. Porque agora você não pode, simplesmente, rezar a Deus sem ter em seu coração e mente um mundo muito maior do que apenas aquele de sua comunidade católica.

E adivinhem o quê ... por vários anos, eu fui a garota inter-religiosa e talvez um pouco bizarra na minha comunidade, mas ano após ano essa sensibilidade inter-religiosa cresceu em nossa comunidade. Não quero dizer que isso foi apenas por minha causa, mas de um jeito ou de outro eu fiz parte desse processo.

Eu encontrei um mundo acolhedor não apenas em minha pequena comunidade, mas em muitos outros grupos católicos, movimentos e congregações. Sou grata ao Papa Francisco pela maneira como ele sempre nos lembra da importância do diálogo e sinto que grande parte da minha missão é testemunhar a minha experiência. Devo isso aos meus amigos judeus e muçulmanos e devo isso também a Deus por causa das maravilhosas oportunidades que Ele me deu para receber e compartilhar com eles. Nós costumamos ler a parábola dos talentos, pensando sobre o quanto recebemos de Deus ... quando a leio, penso nessas pessoas que tive a sorte de conhecer e que moldaram minha fé e vida.

Agora mesmo, minha comunidade - junto com a comunidade Salesiana encarregada da Igreja paroquial onde estamos hospedadas - dirige um projeto que reúne jovens italianos e jovens refugiados aqui em Roma. Neste projeto, eu sou responsável pelos encontros inter-religiosos. A maioria dos jovens refugiados é muçulmana, enquanto evidentemente somos uma organização católica. Infelizmente, acontece com frequência de ouvir histórias do longo caminho que Muhammad, Osman e Alhajie tiveram que percorrer para chegar à Itália, ou sobre as pessoas que se perderam no caminho e sobre as vezes em que pensaram que iriam morrer. E, quando me diziam: “eu estava rezando continuamente a Deus porque eu sabia que ele cuidaria de mim se eu estivesse vivo ou se eu estivesse morrendo, pois Ele é o Misericordioso, o Compassivo”, eu percebia o quanto minha própria fé necessita de purificação, acima de tudo quando surge em minha mente a pergunta “onde está Deus?” ou quando algo não está indo do jeito que eu desejaria.

É tão recompensador ouvir esses amigos dizer que quando eles vêm ao local de nosso projeto se sentem em casa e se sentem acolhidos como muçulmanos. Alguns deles costumam se juntar a nós para celebrações de Páscoa ou Natal e fazem isso só porque sabem que é importante para nós. O mês do Ramadã começou há poucos dias e estamos organizando um iftar (o momento da interrupção do jejum ao pôr do sol) para celebrá-lo juntos. Essas são apenas pequenas coisas em comparação com as situações globais, mas acredito e posso testemunhar que são esses pequenos atos de presença e bondade que mudam a vida das pessoas.

Há duas semanas atrás, comemoramos o casamento de dois de nossos amigos: um jovem refugiado muçulmano do Afeganistão e uma jovem católica italiana. Eles se conheceram por causa do nosso projeto. Durante a homilia o padre lembrou à noiva: “Deus quer amar você através de seu marido” e ao noivo: “Deus quer amar você através de sua esposa”. Isto é definitivamente verdadeiro para eles, mas também é verdadeiro para cada um e cada uma de nós, em nossas comunidades.

Vou concluir com um sonho que tenho, sempre que olho para as comunidades locais: espero que cada vez mais possamos ser positivamente desafiadas por nossos irmãos e irmãs não-cristãos. Espero que estejamos dispostas a descobrir a ação de Deus em sua vida, porque o Espírito sopra para além dos limites da Igreja visível. E espero que façamos isso não apenas porque pensamos que estaremos construindo uma sociedade melhor (o que eu acho que nós iremos), mas porque acreditamos que Deus fala conosco e nos ama também através das pessoas que encontramos, através de nossos vizinhos que adoram a Deus de maneiras diferentes. Se acreditarmos nisso, não fecharemos a porta diante de Deus a bater em nosso coração e vida.

Obrigada por todo o trabalho que vocês realizam, obrigada por seu testemunho no mundo e desejo-lhes tudo de melhor para esta importante conferência. Por favor, continuem rezando por nós!

REFLEXÕES SOBRE O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Samantha Lin

Samantha Lin é diretora executiva da Kids-Lift, uma instituição de caridade dos Estados Unidos que apoia crianças desprivilegiadas. Ela tem estado envolvida com o diálogo inter-religioso em ambientes acadêmicos e de vivência concreta por mais de 15 anos. Como estudante da Universidade de Georgetown, Samantha estudou o diálogo entre muçulmanos e cristãos e viveu numa comunidade muçulmana. Ela trabalhou no Sementes de Esperança - Seeds of Peace -, um acampamento de construção de paz para adolescentes do Oriente Médio, no Sul da Ásia e Estados Unidos por três anos e serviu a uma comunidade de clientes religiosamente diversos, trabalhando no reassentamento de refugiados do Programa de Reassentamento de Refugiados, da Caridade Católica, em Chicago. Após frequentar o programa de estudos em Diálogo Inter-religioso, pela Russell Berrie Fellowship, Samantha continuou estudando o diálogo judaico-cristão na Pontifícia Universidade Gregoriana e organizando o Interfaith Café, uma série de encontros entre especialistas e jovens sobre diversos temas em diálogo inter-religioso, no Centro de Leigos no Foyer Unitas.

Original em Inglês

Obrigada pelo privilégio de participar deste painel sobre o diálogo inter-religioso. É uma honra e uma alegria estar aqui hoje. Acredito que nunca estive na presença de tantas religiosas. Obrigada por seu testemunho!

Eu quero partilhar com vocês três histórias que impactaram muito minha fé e minhas concepções dos outros de diferentes tradições religiosas.

Minha primeira experiência

Eu me formei na Universidade de Georgetown - uma universidade jesuíta nos EUA. Enquanto estudante de graduação, morava numa comunidade de muçulmanos e dividia um apartamento com duas mulheres muçulmanas. Compartilhar uma vida juntas significava experimentar os ritmos da vida de minhas colegas muçulmanas e compartilhar minha vida como católica com elas. Minha colega de quarto, Noor, usava o hijab - o lenço na cabeça - enquanto Khadijah, minha outra colega de quarto, não usava.

Compartilhar a vida cotidiana com colegas muçulmanas era um poderoso testemunho do poder da oração *através* da religião. Como nosso apartamento ficava no centro do campus, elas, entre uma classe e outra, convidavam outros estudantes muçulmanos para virem e rezar em nossa ampla sala de estar - se eu estivesse em casa, elas frequentemente me convidavam para rezar.

No início, sentia-me tímida porque não estava familiarizada com a oração muçulmana e não queria ofender ninguém fazendo algo estranho, não conveniente! Mas Noor ficava ao meu lado e explicava-me o sentido da posição, de se ajoelharem e de se curvarem diante de Deus. Enquanto eu rezava minha oração cristã, mas internamente em unidade com meus amigos muçulmanos, no mesmo espaço, sentia-me tocada pelo poderoso exemplo de 10 jovens estudantes universitários, que encontravam tempo para se ajoelharem diante de Deus, apesar de nossas agendas cheias.

Devido à minha disposição em conhecer a comunidade muçulmana e o *imam* do campus, um líder religioso, Noor e Khadija quiseram vir comigo à Igreja. Quando elas vieram comigo, Noor com seu lenço de cabeça, fiquei ao lado delas e sussurrava-lhes as explicações de nosso ritual religioso, levantar-se, ficar em pé, ajoelhar-se. Ficamos todas impressionadas com o poder compartilhado dos *movimentos* em nossos respectivos serviços.

No dia 15 de abril daquele ano, dois homens que afirmavam ser terroristas islâmicos dispararam bombas na linha de chegada da maratona de Boston. O que se seguiu foram dias de medo. Enquanto as vozes islamofóbicas ficavam mais altas depois do ataque, Noor ficou com medo da reação adversa - como uma mulher que escolhe usar o hijab, ela era uma muçulmana visível. Naquela noite, Georgetown organizou um culto católico de oração pela paz na capela da universidade - eu me ofereci para ler as orações dos fiéis.

A capela estava escura e silenciosa. Os estudantes, mesmo atônitos, rezavam pelo fim da violência. Dirigi-me ao ambão para ler as orações e examinei a multidão. Entre os bancos, apinhados de estudantes, vi um hijab rosa familiar e me aproximei de Noor enquanto cada uma rezava nossas orações pela paz.

Minha segunda experiência

Depois que me formei na faculdade, servi como voluntária jesuíta em Chicago e trabalhei com o programa de Reassentamento de Refugiados da Caridade Católica. 95% das pessoas que servíamos eram muçulmanas. Uma dessas famílias, eu vou chamá-los de família Kon, tinha chegado recentemente de Serra Leoa e estava se preparando para receber a filha - o primeiro bebê da família a nascer nos EUA. A pequena Sarah Kon nasceu dois dias antes da Quarta-Feira de Cinzas. Minha colega de trabalho e eu fomos fazer uma visita domiciliar à bebê Sarah e sua família, mas antes, resolvemos participar da Missa e chegamos à casa da família com a marca evidente das cruzes acinzentadas na fronte.

A família de Sarah abriu a porta e convidou-nos a entrar. Intrigada, mas educadamente perguntou-nos *o que é* que tínhamos na testa. “É uma grande festa”,

explicamos, “é o começo da nossa Quaresma, onde jejuamos como vocês fazem no Ramadã”.

“Ah”, a família respondeu: “Nós entendemos. Então, vocês não podem comer do cordeiro que matamos em comemoração ao nascimento de Sarah?”

“Não”, respondemos, “não podemos”. Então, observamos a recém-nascida enquanto eles cozinhavam a refeição para compartilhar com sua família ampliada - Aqui estávamos nós, muçulmanos e católicos, celebrando de duas formas diferentes e sagradas.

Minha terceira experiência

Eu trabalhei num acampamento de verão para crianças no Oriente Médio, Sul da Ásia e nos EUA. A ideia por trás do acampamento era que se você pudesse reunir as crianças do “outro” lado, israelenses e palestinos, indianos e paquistaneses, você poderia ajudá-los a ver a humanidade uns nos outros e encorajar mutuamente os jovens a trabalhar pela paz.

O Ramadã, num verão, ocorreu em agosto, em meio ao acampamento. Durante o Ramadã, os muçulmanos não comem nem bebem enquanto o sol está no céu. Como conselheira, eu estava preocupada e ansiosa com os campistas que participariam do Ramadã. Preocupada que eles ficassem desidratados, preocupada com a capacidade de participarem por causa da exaustão do jejum.

Enquanto eu me preocupava com o acampamento, uma das garotas muçulmanas no meu beliche descreveu sua emoção pela chegada do Ramadã. Ela explicou que o Ramadã era um mês em que todos em sua família passavam tempo juntos à noite, ao quebrar o jejum, e nas primeiras horas da madrugada, preparavam-se para o jejum. Através de seus olhos, o Ramadã, o jejum, não era um fardo, mas um belo tempo de proximidade com sua família e um tempo de silêncio e oração com Deus. Ela não estava focada “no deixar de comer”, mas na maneira como ela poderia mudar sua vida durante o mês sagrado.

Por causa dela, comecei a pensar em “jejuar” de uma maneira diferente. Havia tanta beleza em seu jejum pelo Ramadã, que me fez reconsiderar como me aproximo da Quaresma. Para mim, a Quaresma sempre foi um fardo, algo a temer enquanto eu pensava em deixar de comer o chocolate ou assistir a TV. Mas toda essa nova concepção de jejum *mudou* a maneira de encarar a Quaresma. Eu penso nisso menos em termos *do que eu tenho que deixar* e mais como uma maneira *de mudar* minha vida para estar mais perto das coisas que importam - minha família e Deus.

Estas três histórias sublinham as três partes da lição que aprendi do diálogo inter-religioso:

1. Reconhecer o poder de nossa oração, e
2. Compartilhar a celebração
3. Pode levar a uma maior compreensão e apreciação de *sua própria* tradição.

O diálogo não se limita a uma hora ou a uma sala - o diálogo é vivido com toda a nossa vida. Descobri que a abertura para aprender sobre os outros e suas tradições serviu como um convite para os outros aprenderem sobre mim e minha religião também.

Os dois aspectos fundamentais do verdadeiro diálogo ao longo da vida têm sido a vontade de apreciar a vida de oração uns com os outros e de compartilhar celebrações - mesmo que ainda existam maneiras diferentes de fazer isso, há uma beleza e uma graça em compartilhar e celebrar juntos, cada um do seu jeito. Ver o o hijab de Noor na capela escura naquela noite de abril, foi um poderoso lembrete de companheirismo. Fiquei emocionada quando a família de Sarah nos convidou para participar de suas celebrações. E me permiti de mudar minha própria perspectiva sobre a Quaresma graças à honestidade de uma garota muçulmana.

Sou grata pelas pessoas que conheci e pelas maneiras como elas serviram como companheiras em minha caminhada de fé. Algumas das pessoas mais influentes têm sido padres e irmãs, mas também Noor e a bebê Sarah e sua família entre eles.

Obrigada por sua atenção hoje e desejo a todas vocês muita graça ao continuarem sua Assembleia e se prepararem para prosseguir sendo Semeadoras de Esperança Profética.

SEMEADORAS DE ESPERANÇA, NO CONTEXTO DA MIGRAÇÃO

Ir. Elisabetta Flick, SA

Ir. Elisabetta Flick é uma Religiosa das Irmãs Auxiliadoras do Purgatório. Serviu a sua Congregação como Superiora Geral de 2002 a 2013. Desde 2014, trabalha na UISG como vice-secretária executiva e responsável do Projecto Migrantes de Sicília.

Original em Francês

Há dois dias estamos aqui reunidas para a nossa Plenária, e tentamos abrir os horizontes para que a vida religiosa de hoje e de amanhã continue cheia de esperança, num mundo onde existe o grande risco de reduzir o alcance de nossas esperanças.

Quando penso no contexto da migração no mundo, as palavras que me acompanharam durante este período pascal ressoam fortemente em mim. Palavras sobre a esperança que pode surgir mesmo neste contexto em que só se pode esperar contra toda a esperança. Faço minhas as palavras de Ângelo Casati em seu livro *“Os dias de ternura”*: *“A vida parece encurtar nossas expectativas: cada dia as reduz, as acolhe de acordo com os acontecimentos. Acontece com cada uma de nós de reduzir gradualmente o horizonte de esperança.*

Hoje há uma imensa necessidade de esperança. Nós nos tornamos frágeis e vulneráveis. Os discursos sem esperança estão circulando. Alguns dizem que tudo está perdido, que tudo acabou. Isso cria paralisia, a paralisia da imaginação, da fantasia, da criatividade.

*Assim, vocês que acreditam na ressurreição estão - em todos os níveis - próximos aos homens e mulheres deste tempo para consolar pacientemente e incansavelmente esta esperança que hoje se tornou frágil, fraca, indefesa e corre o risco de ser esmagada pelo medo “.*¹

Para, pacientemente e incansavelmente, consertar o fio da esperança no tecido do atual contexto migratório, e para ser mulheres que semeiam esperança, somos convidadas, como Maria Madalena, como os primeiros discípulos, como Abraão e os profetas, a cultivar uma fé que pode esperar contra toda a esperança.

Eis algumas formas de presença e de gestos que, dia após dia, trazem

pequenas sementes de esperança de volta à vida no imenso e desesperado campo de migração, gestos habitados a partir de dentro, a partir das atitudes a que as Bem-Aventuranças nos convidam.

- A acolhida: Eu conheci e vi muitas comunidades religiosas no trabalho que, em resposta ao apelo do Papa Francisco, abriram as portas de suas casas para acolher famílias inteiras, mulheres e crianças, permitindo assim que essas pessoas continuassem a esperar que outra vida poderia surgir, poderia abrir-se para eles. Essa acolhida é vital para aqueles que tiveram que deixar tudo para trás, com a única esperança de encontrar um lugar que os acolha e lhes permita de viver. Se esta esperança é frequentemente desiludida, ainda há homens e mulheres em todo o mundo que são capazes de abrir seus corações, seus braços, para acolher pelo menos alguns daqueles que foram forçados a deixar seu país por causa de guerras, fome ou perseguição.

Bem-Aventurados os pobres de coração, porque deles é o Reino dos Céus.

- A docilidade: Conheço muitas Irmãs que, incapazes de entender ou de serem compreendidas, conseguem comunicar-se através de sorrisos, olhares e gestos ternos, tanto em campos de refugiados no Quênia, Congo, Líbano, Turquia, França, Espanha, Grécia ou Sicília, que nos centros de acolhida, e na estrada, nas praias próximas aos portos, nos locais de passagem nas fronteiras... reforçam, desta forma, a esperança e a confiança de muitos migrantes em fuga. Num contexto em que reina a violência (a violência que levou as pessoas a fugir, a violência que lhes é infligida durante o seu êxodo por aqueles que pretendem ajudá-los a alcançar o destino que esperam alcançar, a violência das falsas promessas...), o menor gesto de ternura (o calor de um olhar, de um sorriso, uma mão estendida...) pode se tornar uma semente de esperança que traz vida e desperta, que faz reviver os tesouros da ternura oculta, escondida no coração junto com amargura, desilusão, frustração.

Bem-Aventurados os mansos, pois herdarão a terra.

- A compaixão ou a capacidade de estar com aqueles que sofrem: estar lá, em silêncio, estar perto, andar com... de mãos dadas ... acompanhar a fuga dos desesperados, que perderam tudo, é fazer brotar a esperança. Conheço um bom número de religiosas, um bom número de comunidades intercongregacionais que, nos diferentes continentes, estão presentes onde os migrantes chegam, e sua presença é um precioso testemunho de compaixão.

Os Evangelhos dão testemunho de como é difícil permanecer perto daqueles que sofrem. Aos pés da cruz, apenas 3 mulheres estão ali com o discípulo a quem Jesus amava (Jo 19,25). E, à distância, as mulheres que tinham seguido a Jesus (Mt 27,55-56; Mc 15,40-41), bem como “*todos os seus amigos*” (Lc 23,49). A compaixão, de fato, exige não apenas ser tocada pelo sofrimento dos outros, mas também aceitar não fazer nada a não ser estar ali, impotente, e perseverar nessa presença, mesmo que não pareça trazer qualquer melhoria ou consolação de qualquer tipo.

Bem-Aventurados os aflitos, porque serão consolados.

-A fome e a sede de justiça: como não ver as sementes de esperança semeadas por grupos de religiosas que não hesitam em tomar partido, como aconteceu recentemente na Itália, e como tem sido feito há muito tempo em muitos outros países, tanto na América, na Ásia ou na Europa. As Irmãs ousam levantar a voz diante de seus governos, que em nome da segurança, fecham os portos, constroem muros, transferem centenas de pessoas de um centro para outro, independentemente da dignidade do povo ou de todo o caminho de integração já iniciado.

Num contexto no qual parece ter importância apenas o benefício que pode ser realizado pelo outro, por mais pobre que seja, e onde este é abandonado uma vez que já não produz mais nada, há homens e mulheres de todo o mundo que têm fé, coragem e esperança suficientes para fazer as vozes daqueles que foram privados de todo direito de falar e de denunciar as inúmeras injustiças de que são vítimas, sem se deixar paralisar pelo medo das consequências de seu compromisso.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

-A Misericórdia: É ainda esperando contra toda a esperança, se não aquela de estar ali, de estar presente, que pequenos grupos de religiosas, em Ceuta, no Marrocos, em Calais, na França, em Ventimiglia, na Itália, nas fronteiras do México e em muitos outros lugares, estão presentes para acolher aqueles que não conseguem escalar as paredes, para subir num caminhão, e que são repelidos, feridos e humilhados. As Irmãs estão ali, prontas para acolher, para curar feridas físicas e morais, para dar coragem e esperança para recomeçar a aventura.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

-A construção da paz: num contexto de desconfiança e de desconfiança justificada por todas as traições de que são vítimas aqueles que estão condenados a viajar pelo mundo devido à indiferença, ao egoísmo, ao reinado de cada um por si... trabalhar incansavelmente para construir e reconstruir relações humanas de confiança e solidariedade, sem desanimar pela fragilidade e pelos múltiplos fracassos dessas reconstruções, é um dos modos mais humildes de ser construtoras de paz e de arar o solo para fazer brotar as sementes de esperança.

Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos e filhas de Deus.

-A pureza do coração: realizar ações gratuitas sem querer nada em troca é uma das manifestações do amor gratuito de Deus experimentado por milhares de religiosas em todo o mundo.

Para aquelas que verdadeiramente amam e continuam a amar, mesmo quando não podem esperar nada em troca, a pureza do coração dá a oportunidade de discernir a presença de Deus no coração até mesmo das trevas mais obscuras e de descobrir, assim, as sementes de esperança.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Na meditação da Via Sacra, celebrada na Sexta-Feira Santa, no Coliseu, a Irmã Eugênia Bonetti, missionária da Consolata, escreveu: *“Queremos fazer este ‘caminho doloroso’ com todos os pobres, excluídos da sociedade e os novos crucificados da história de hoje, vítimas de nossos fechamentos, de nossos poderes e leis, da cegueira e egoísmo, e acima de tudo da indiferença que endureceu nossos corações”*.²

As experiências que acabamos de mencionar, que expressam a força das bem-aventuranças em sua própria modéstia, atestam que, em todos os lugares do mundo, homens e mulheres, religiosos/as e leigos/as, dia após dia, percorrem esse “caminho doloroso” para semear as sementes de esperança. Elas são as novas boas samaritanas de hoje, que não viram a cabeça e olham para o outro lado quando encontram pessoas que são feridas ou abandonadas nas estradas, mas que se aproximam delas e cuidam delas sem calcular e sem se preocupar com o que alguém possa pensar delas.

¹ Ângelo Casati, *Os dias da ternura*, Edição Romena, 2013, p. 60-61.

² MEDITAÇÕES de Irmã Eugênia Bonetti *Missionária da Consolata Presidente Da Associação “Não mais Escravos”*, Sexta-Feira Santa, 2019.

SEMEADORES DE ESPERANÇA EM BERBERATI, REPÚBLICA CENTRO- AFRICANA

Ir. Elvira Tutolo, SDC

Irmã Elvira Tutolo, é missionária das Irmãs da Caridade de St. Jeanne Antide Thouret, originária de Termoli (CB). Depois de servir, durante 25 anos, na recuperação de jovens da dependência química, na Itália. Ela foi missionária na África, primeiro no Chade e desde 2001 em Berberati, na República Centro-Africana. Em 5 de março de 2019 foi conferido a ela, pelo Presidente Sérgio Mattarella, o título honorário de Comandante ao Mérito da República Italiana.

Original em Italiano

“...Eu não queria matar, mas meu Chefe me forçou ... meu trabalho era o de cortar em pedaços os cadáveres... Eu fiquei num espaço fechado por vários dias sem comer ou beber, eu vi meus colegas morrerem um após o outro ... Eu fui amarrada e mataram meus pais diante dos meus olhos ... os soldados brancos me ofereceram chocolate, então eles quiseram fazer aquelas coisas que eu não posso falar ... Eu tinha que roubar e preparar comida para os combatentes que retornavam à noite ... um deles me abusou ... eu, agora, tenho um bebê! Fomos todas vacinadas para ser fortes e não ter medo ... eles levaram o meu irmão e o torturaram, nós o encontramos com os braços quebrados e o pênis cortado ... o corpo do meu filho foi jogado no rio com braços e pernas atados, o rosto, irreconhecível ... “!

Eu testemunhei toda essa violência, da qual eu preferi relatar as expressões diretas de meninas e meninos que deixaram os Grupos Armados para tentar recuperar a dignidade perdida, redescobrir o sentido da vida, retomar a esperança de uma vida melhor.

Eu estou aqui, eu trago o clamor de um povo e de uma Igreja martirizada. É a situação do homem atacado por bandidos e deixado quase morto na estrada que desce de Jerusalém a Jericó... de Bangui a Bossangoa, de Bambari a Alindao, de Berberati a Gamboula. Eu venho da República Centro-Africana que desde o início

de 2013 aguarda o “bom samaritano”. Em novembro de 2015, o Papa Francisco, peregrino da Paz, veio abrir a Porta Santa em Bangui para iniciar o ano jubilar da Misericórdia. Com essa escolha, ele trouxe muita esperança. Infelizmente, após cinco anos e após 8 assinaturas e acordos de paz, 80% do território está sob o controle dos Grupos Armados, os mesmos, ainda que os chamemos Ex, de março de 2013.

O objetivo e o único interesse deles é o de poder continuar a explorar as riquezas do país sem impunidade, especialmente a extração de diamantes, ouro e muito mais! As religiões não contam, foi apenas uma coincidência o fato de os Seleka serem muçulmanos. O verdadeiro problema é este: a riqueza do subsolo e a COBIÇA desenfreada, competitiva, sem qualquer respeito pela justiça por parte dos poderes internacionais.

Sessenta anos após a proclamação da independência, ainda estamos sem estradas, sem eletricidade, sem água, sem escolas, sem hospitais que podem ser definidos como tal. Um povo com tantos potenciais que continua humilhado, saqueado, empobrecido!

As missões militares convocadas para defender a população fracassaram e se renderam a muitas cumplicidades. São muitas e demasiadas as contradições. Citei apenas duas: a ONU prolongou ainda o Embargo sobre as armas e, por essa razão, o exército nacional, que se esforça tanto para se reconstruir, não tem o equipamento necessário. Ao mesmo tempo, os Grupos Armados continuam recebendo armas! O embargo sobre os Diamantes e ao mesmo tempo o escoamento destes está fora de controle!

A Igreja Católica com suas estruturas e especialmente na pessoa de sacerdotes e religiosos pagou e está pagando um preço muito alto pela defesa da população. Uma Igreja jovem, mas já muito viva, é uma semente de esperança que está despertando e crescendo, mesmo em meio a tantas dificuldades.

Nós, Irmãs da Caridade de Santa Jeanne Antide Thouret, chegamos em agosto de 1960 em concomitância com a proclamação da independência: são 60 anos... Temos sangue da África Central! Com as outras Congregações presentes no território e com a população, trabalhamos com os mais pobres, os marginalizados, os doentes, os jovens. Tentamos, com eles, não deixar que a esperança seja roubada, graças a projetos educacionais e de desenvolvimento.

As irmãs da África Central estão envolvidas no acompanhamento das meninas que deixaram os Grupos Armados ou dedicadas à prostituição.

Minha experiência começou no escuro, tateando, com meninos que viviam na estrada... porque, como eles mesmos diziam, “em casa eu não podia mais viver, eu preferi viver na rua...” Seus pais estão divididos. Os pais trabalham como escravos em minas de diamantes. Miséria, poligamia, acusações de feitiçaria, violência... essas crianças nunca puseram os pés em uma escola, sempre traídas no amor e abandonadas. Na rua, exploradas por adultos, elas se encontram

facilmente burlando a Lei e, portanto, acabam na prisão com os adultos.

Que resposta dar a esses meninos? Como podemos ajudar esta juventude a crescer? Como ajudá-la a esperar por uma realidade melhor? Dissemos “NÃO” ao Instituto, ao “internado” (como eles dizem) e “SIM” à Família.

Uma vez iniciada a conscientização e “Formação para os Casais” do local, conseguimos fazer nascer uma fraternidade, mais tarde reconhecida como ONG nacional: Kizito (nome escolhido pelas próprias crianças) para a acolhida, proteção e reintegração social de menores. Os casais, portanto, têm as crianças chamadas naturalmente de “filhos da barriga” e as crianças acolhidas, chamadas “filhos do coração”. Muitas vezes, dado o número, temos também times de futebol com reservas!

“Nós não temos marido... não são filhos nossos... não é trabalho das Irmãs”: foi a provocação que fez nascer uma disponibilidade e um amor a toda a prova, a esperança começou a renascer!

Depois chegou a guerra. Perdemos muitas crianças, rapazes, jovens! Fomos testemunhas de atos terríveis de violência, de tortura, de agressões, de violências sexuais.

Serge ... não consegui encontrá-lo, não o vi por alguns dias ... eles me chamam para dizer que há um cadáver já em estado de decomposição na pista do aeroporto ... “Irmã, talvez seja um dos seus garotos” ... diz a voz no telefone. Eu chamo os Médicos Sem Fronteiras naquele período presentes em Berberati, eles não podem deixar os limites do hospital, eu chamo o médico diretor do hospital... polícia e Gendarmaria não existiam ... ninguém queria se mover... Fui com minha pequena Suzuki sobre a qual tinha içado uma toalha branca... e ... sim, era Serge: um corpo dilacerado com sinais muito evidentes de tortura e depois cheio de balas. Eu ainda tenho as balas comigo. Não sei porque eu as guardei... Eu chorei... junto com outros garotos nós cavamos um buraco... uma oração, uma saudação. Tínhamos acabado de voltar para o centro e um carro cheio de rebeldes já vinha em nossa direção!

Há poucos dias, um dos garotos do Centro de Formação me disse que sua mãe estava grávida. “Eles chegaram em sua aldeia não muito longe de Berberati, eles levaram todas as mulheres, com seus facões cortaram suas barrigas. Os soldados Mungi-Brancos nos ofereceram chocolate e depois nos pediram para fazer coisas que eu não posso falar... Impossível esquecer... muito difícil de perdoar ... e é por isso que eu me juntei ao Antibalaka, para vingar a morte de minha mãe... “.

Os jovens tentaram se organizar para formar uma milícia contra a Seleka: a violência pede violência!

Graças à sua permanência neste centro, os meninos lentamente encontram o sorriso e o desejo de começar de novo, de sonhar. E nós, com eles, não paramos de nos tornar Boas Samaritanas, junto com o Deus da Esperança, da Ressurreição e da Vida!

SEMENTES DE ESPERANÇA DO SÍNODO DE 2018 SOBRE OS JOVENS

Ir. Sally M. Hodgdon, CSJ

Sally M. Hodgdon, CSJ, Superiora Geral das Irmãs de São José de Chambéry e vice-presidente da União Internacional das Superiores Gerais, no período de 2016-2019.

Original em Inglês

Boa tarde. Eu tive o privilégio de ser uma das três Irmãs da UISG convidadas a participar como auditoras no Sínodo da Juventude de 2018. As outras duas Irmãs eram jovens, Irmã Mina Kwon, Irmã de São Paulo de Chartres da Coreia e a Irmã Lucy Nderi, Irmã Salesiana de Quênia, ambas atuando com jovens. Nós três trabalhamos em estreita colaboração com outras duas auditoras, a Irmã Alessandra Smerilli, Salesiana da Itália e a Irmã Nathalie Becquart da França.

O tema do Sínodo foi “*Jovens, a fé e o discernimento vocacional*”.

Em janeiro de 2017, quando o Papa Francisco **anunciou** que haveria um Sínodo sobre a Juventude dirigiu sua palavra aos jovens dizendo: “Eu queria que vocês fossem o centro das atenções. ... Um mundo melhor pode ser construído como resultado de seus esforços, seu desejo de mudar e sua generosidade... façam com que sua voz seja ouvida, façam-na ressoar nas comunidades e ser ouvida por seus pastores de almas “. Este anúncio tornou-se realidade através do processo de preparação e durante todo o Sínodo em outubro. De fato, foi uma alegria ouvir as vozes dos 35 jovens participantes, ressoando diariamente na Sala do Sínodo. Essa, certamente, foi uma experiência nova para aquelas paredes!

O Sínodo da Juventude destinava-se a ser uma experiência de sinodalidade, na qual os membros ouviram a verdade da real situação vivida pelos jovens na Igreja, hoje, pela voz dos jovens, não apenas através dos estudos sociológicos. Os jovens compartilharam suas experiências de vida, seus sonhos e questionamentos; sua busca de como melhor seguir a Jesus; ou como encontrar Deus de uma maneira real.

A **metodologia** utilizada incluiu reuniões em grandes Assembleias na Sala do Sínodo, onde todos, tanto delegados ou auditores, tiveram quatro minutos para

compartilhar sua reflexão sobre tópicos contidos nos documentos de trabalho. Participamos de pequenos grupos de trabalho compostos por uma mistura de delegados e auditores. Foi nesses pequenos grupos onde nós, as Irmãs e os jovens, enquanto participantes sem direito a voto, tivemos um grande impacto.

Os dois documentos publicados no Sínodo são o Documento Final, votado e aprovado pelo Sínodo em 27 de outubro de 2018 e o “Christus Vivit” ou “Cristo Vivo”, a Exortação Apostólica pós-sínodo do Papa Francisco. O Papa Francisco incluiu muito do Documento Final em sua Exortação. Se vocês ainda não leram esta Exortação Apostólica ou o Documento Final, sugiro que leiam. Eles são muito bons.

A minha experiência do Sínodo dos Jovens foi verdadeiramente uma graça quando senti o Espírito de Deus mover-se entre todos nós, jovens, Irmãs, sacerdotes, bispos, cardeais, pela abrindo os nossos corações para novas perspectivas e novas esperanças. Eu gostaria de compartilhar com vocês Quatro Sementes de Esperança que vi emergir deste Sínodo.

A primeira semente de esperança é a escuta atenta. Eu vi um novo paradigma se desenvolvendo no processo usado por aqueles que planejaram este Sínodo, um processo que enfatizou a **escuta** como a preparação principal. Durante dois anos antes do Sínodo, os jovens compartilharam sua situação familiar, realidades políticas e experiências de Igreja, através de encontros de jovens entre 19 e 29 anos de idade, em todos os níveis em vários países, do uso de questionários online e de reuniões pré-sinodais. O uso da tecnologia online permitiu que mais de 200.000 jovens fossem ouvidos. Grande parte do material de trabalho foi resultado dessa participação global. Inerente a esse tipo de escuta atenta é a capacidade de ouvir de uma maneira nova. Vivenciei esse espírito de abertura para ouvir de uma maneira nova entre a maioria dos Cardeais e Bispos. Eles estavam tentando ouvir as realidades dos jovens e entendê-los. Muitos deram o melhor de si dispensando tempo para dialogar com os jovens, encorajando-os a compartilhar suas ideias e fazer com que os jovens se sentissem acolhidos nos grupos de trabalho. Eles até participaram com os jovens de uma peregrinação, caminhando 7 quilômetros!

A segunda semente de esperança é a procura ou a busca autêntica dos jovens por Deus. Essa busca por Deus e por seu lugar na Igreja foi repetida em todos os documentos de trabalho, mas, o mais importante, é que eu a experimentei nos rostos dos jovens e em sua participação tanto na Assembleia como nos grupos de trabalho. Muitos de nossos jovens vêm de situações sociais, políticas e familiares trágicas. Eles viveram experiências difíceis e continuam desejando saber qual é a vontade de Deus para eles, qual é o caminho do Evangelho que devem seguir em vista de seu futuro. Eles têm uma fé profunda e desejam empregar sua energia, paixão, criatividade e ideias diversas para construir nossa Igreja e caminhar com ela rumo ao futuro. Os jovens são homens e mulheres dedicados com capacidade de resiliência e cheios de esperança. Um dos momentos mais altos foi próximo ao final do Sínodo, quando os jovens agradeceram ao Papa Francisco, dizendo-lhe que estarão sempre com ele e com a Igreja nos bons e maus momentos.

A terceira semente da esperança é que os jovens estão esperando para ouvir nossos sonhos. O Papa Francisco, recordou-nos as palavras do profeta Joel, que diz: “sabemos que os nossos jovens serão capazes de profecia e visão na medida em que nós, que já somos adultos ou idosos, podemos sonhar e assim sermos contagiados em compartilhar aqueles sonhos e esperanças que carregamos em nossos corações” (*cf. Joel 2,28*). Este é um apelo a cada um/a de nós para reservar um tempo para estar com os membros mais jovens e compartilhar os sonhos e esperanças que temos de uma forma que seja contagiante e crie espaço para que desenvolvam seus próprios sonhos. Se não compartilharmos nossos sonhos ou pararmos de sonhar, o que podemos esperar dos jovens?

Muitas de nossas congregações possuem ministérios que envolvem a juventude. Somos chamadas a nutrir as sementes da esperança e os sonhos que estão no coração desses jovens. Precisamos desenvolver novos modelos de presença consistentes com os de hoje? Alguns dos sonhos compartilhados pelos jovens são semelhantes aos nossos. Eles também desejam uma Igreja que seja inclusiva, que permita que os dons das mulheres e homens sejam incorporados em todos os níveis, inclusive na tomada de decisões. Eles querem ajudar a restaurar nosso planeta. Eles pedem que escutemos e dialoguemos com eles, que confiemos neles, pois não são jovens demais para serem responsáveis ou para serem líderes em nossos engajamentos ou na Igreja. Os jovens têm sede de aprofundar sua fé, de saber mais, de ousar mais dentro da Igreja. O que eles esperam de nós?... eles pedem nosso respeito, aceitação, transparência, autenticidade e que dispensemos algum tempo com eles.

Muitas das nossas congregações começaram com a educação de crianças e jovens e construímos escolas e outras instituições. Talvez não tenhamos mais essas grandes instituições envolvendo a juventude. Nos, desenvolvemos maneiras alternativas de servir aos jovens ou de alguma forma os abandonamos? Podemos ver novas maneiras de ser uma presença para os jovens que estão procurando seu lugar na Igreja?

Muitas de nossas congregações começaram com a educação de jovens e crianças e nós construímos escolas e outras instituições. Talvez, muitas de nós não tenhamos mais estas instituições que trabalham com jovens. Nós temos pensado em formas alternativas de estar trabalhando como os jovens ou, de alguma forma, os abandonamos? Podemos vislumbrar novas maneiras de estarmos presentes entre os jovens que estão buscando encontrar seu espaço na Igreja?

As Irmãs de todas as idades podem ser uma presença de escuta para os jovens, para aqueles que desejam compartilhar sua caminhada, seus sonhos. Os jovens procuram lugares seguros onde possam se reunir e estar com outros jovens para conversar e para terem companhia, para fazer perguntas, mesmo que não tenhamos as respostas. Podemos encontrar uma ou mais salas vazias, desocupadas, em nossas comunidades para tais encontros? Nossas Irmãs mais idosas são boas ouvintes e muitas vezes trazem dentro de si muitos sonhos. Elas podem ser um recurso para os jovens de uma nova maneira.

A quarta semente de esperança vem da nossa capacidade de gerar sonhos. São as sementes nutridas na História de Emaús, oferecendo um modelo para acompanhar a juventude em sua fé e caminho vocacional. Como líderes, muitas vezes, falamos de preservar memórias, de recordar aqueles momentos em que nossos próprios corações ardiam de fervor. Essas memórias ajudam a todas nós, enquanto líderes, a continuar a seguir o caminho de serviço.

Podemos, como Jesus, caminhar na estrada para Emaús, encontrar não apenas nossos próprios membros, mas outros jovens em seu caminho e perguntar-lhes: **“Que assunto é esse que vocês estão conversando uns com os outros enquanto caminham?”** Podemos estar plenamente atentas e sintonizadas com esse tipo de conversa?

Nossas Irmãs engajadas no serviço aos jovens podem fazer uso desse mesmo modelo de Emaús para ajudar os jovens a cultivar suas habilidades de sonhar, planejar, discernir e seguir em frente com Deus. Muitas vezes, pedimos às Irmãs que participem desse importante serviço aos jovens nos finais de semana, depois de uma semana de trabalho com tempo integral. Isso é justo para a Irmã e para os jovens? Como líderes, é importante que nossas Irmãs saibam que valorizamos seu trabalho com os jovens e que somos muito gratas por isso.

O Sínodo dos Jovens, repetidas vezes expressou a necessidade de acompanhamento espiritual. A recomendação do Sínodo é a de que mais religiosos/as e leigos sejam preparados para serem orientadores/as espirituais. Nós temos preparado algumas Irmãs e temos locais de capacitação para este serviço em algumas de nossas Congregações. Estamos abertas a considerar de aumentar o número de pessoas para participar destes cursos de orientação espiritual e oferecer recursos humanos para acompanhar mais jovens?

Todas nós somos convidadas a nutrir sementes de esperança do Sínodo dos Jovens. Uma maneira é a de sermos uma “memória perigosa” em cada uma das dioceses e paróquias, no caso de os Bispos ou padres não escolherem abraçar o espírito e as recomendações do Sínodo. Talvez precisemos recordá-los sobre isso.

PESSOAL DA UISG

<u>Nome</u>	<u>Cargo</u>	<u>E-mail</u>	<u>Telefone</u>
Ir. Patricia Murray, ibvm	Secretária Executiva	<i>segretaria.esecutiva@uisg.org</i>	06 684002 36
Ir. Elisabetta Flick, sa	Vice-Secretária Executiva	<i>vice.segre.ese@uisg.org</i>	
	Projecto Migrantes Sicilia	<i>progetto.migranti@uisg.org</i>	06 684002 48
Ir. Florence de la Villeon, rscj	Coordinadora Internacional	<i>rete.migranti@uisg.org</i>	
	Projecto Migrantes		06 68400.231
Rosalia Armillotta	Assistente	<i>ufficio.segreteria@uisg.org</i>	
	da Secretária Executiva		06 684002 38
Aileen Montojo	Administradora de Finanças	<i>economato@uisg.org</i>	
			06 684002 12
Patrizia Balzerani	Assistente	<i>assistente.economato@uisg.org</i>	
	Administradora de Finanças		06 684002 49
Patrizia Morgante	Responsável de	<i>comunicazione@uisg.org</i>	
	Comunicação		06 684002 34
Sr. Thérèse Raad, sdc	Escritório de Comunicação	<i>comunicazione@uisg.org</i>	
	(Voluntária)		0668.400.233
Antonietta Rauti	Coordinadora de Boletim UISG	<i>bollettino@uisg.org</i>	
			06 684002 30
Svetlana Antonova	Assistente Técnica	<i>assis.tec@uisg.org</i>	
	Serviços Gerais		0668.400.250
Ir. Gabriella Bottani, smc	Coordinadora	<i>coordinator@talithakum.info</i>	
	“Talitha Kum”		06 684002 35
Nicoletta Lalla	Assistente secretariado	<i>secretariat@talithakum.info</i>	
	“Talitha Kum”		06 684002 32
Sr. M. Cynthia Reyes, sra	Coordinadora	<i>formators.programme@uisg.org</i>	
	Programa Formação UISG		0668.400.227
Claudia Giampietro	Assistente	<i>formation@uisg.org</i>	
	Programa Formação UISG		0668.400.225
Ir. Cecilia Bayona, osa	Arquivista	<i>archivio@uisg.org</i>	
			06 684002 42
Angelo Spadavecchia	Grants Manager	<i>gm@uisg.org</i>	
Conselho de Canonistas		<i>canoniste@uisg.org</i>	
Solidarity South Sudan		<i>solidarityssudan@gmail.com</i>	
			06 684002 23